

O *Portador da Luz* Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Simpósio 2024: O mistério do Homem

*Somos mais do que
nossos corpos*

- Introdução
- Nunca eu não existi
- O mistério do Homem
- Eu sou porque nós
somos

Onde estamos em casa?

O mistério da Mônada

**Os reinos elementar e
divino**

Trabalho com a Natureza

O mistério do **HOMEM**



Somos mais do que nossos corpos

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Interessado em nossas palestras?

assista-as em nosso canal no YouTube:

[youtube.com/
@theosophicalsociety-tspl](https://www.youtube.com/@theosophicalsociety-tspl)

Editorial

página 42

O mistério do Homem – Somos mais do que nossos corpos

Introdução ao Simpósio 2024

página 43

Em 8 de setembro de 2024, a Sociedade Teosófica de Point Loma realizou um simpósio sobre ‘O Mistério do Homem — Você é mais do que o seu corpo’. Esse tópico é desafiador porque é um impulso para a auto-investigação que pode abrir mundos totalmente novos para nós.

Herman C. Vermeulen

Nunca eu não existi

Página 45

Esta palestra aborda de maneira acessível e concisa a pergunta que todos que querem entender a vida fazem a si mesmos: quem sou eu? O que está por trás de nossos corpos? Nós nos concentramos na essência de nossa humanidade.

Renate Pico

O mistério do Homem

página 50

Ao obter insights sobre o interior do ser humano e os processos que ocorrem em nosso pensamento, podemos de fato dar direção à nossa vida e contribuir para o Todo. Tópicos importantes são: como nos tornamos o que somos hoje? E como podemos nos tornar mais do que somos hoje?

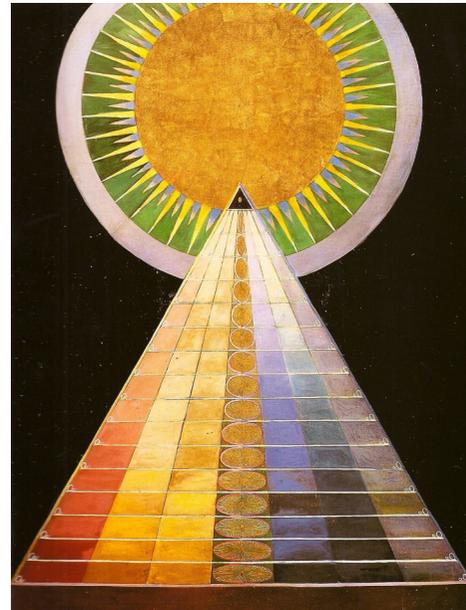
Iljitsj van Kessel

Eu sou porque nós somos

página 55

Nesta última palestra, abordaremos a seguinte questão: como nós, seres humanos, podemos aprender a expressar melhor nossa essência mais profunda, ‘aquela centelha de eternidade’? Acontece que nossos companheiros humanos — na verdade, todo o cosmos vivo — desempenham um papel fundamental.

Mariska Zwinkels



Onde estamos em casa?

Um exemplo inspirador de uma sociedade em que as pessoas se sentem ‘em casa’ espiritual, mental e fisicamente

página 60

A migração é um tópico que está muito presente nos noticiários atualmente. Por todos os tipos de motivos, as pessoas estão buscando uma vida melhor em outro lugar. Uma pergunta que você pode fazer a esse respeito é: onde uma pessoa realmente se sente em casa?

Erwin Bomas

O mistério da mônada

página 64

O que é uma mônada? Essa pergunta é mais fácil de ser feita do que respondida. No entanto, este artigo tenta fornecer uma resposta, sabendo que a resposta é, no máximo, uma aproximação e certamente não é a última palavra sobre o assunto.

Barend Voorham

Perguntas y respuestas *p. 73*

- » Os reinos elementais e divino
- » Trabalhe com a Natureza
- » Você pode morrer antes de sua hora?

Agenda *p. 77*

- » Palestras e estudos em inglês sobre os 150 anos da Teosofia

Editorial

Quem somos nós? Somos humanos mais do que um corpo físico? E que potencialidades existem dentro de nós? Nossas opiniões sobre essas questões influenciam quase todas as decisões que tomamos. Portanto, esse foi o tema escolhido para o nosso último simpósio, que organizamos em 14 de setembro de 2024, on-line. O título foi ‘O mistério do Homem – Somos mais do que nossos corpos’. Esta edição de *Lúcifer – o Portador da Luz* contém as três palestras do simpósio, que tentam apresentar de forma muito acessível a Sabedoria Universal sobre esse assunto e mostrar como ela pode ser aplicada na prática. Você encontrará nela uma grande riqueza de pensamento teosófico.

Nesta edição, você também encontrará dois outros artigos. O primeiro, ‘Onde estamos em casa’ aborda o fato de que, atualmente, em todo o mundo, grandes grupos de pessoas estão tentando migrar. Às vezes, elas fazem isso por necessidade, porque sua terra natal é perigosa. Em todos os casos, essas pessoas estão procurando um lugar onde possam viver em paz e desenvolver seu potencial espiritual, mental e social. Essa aspiração não é fundamental em todo ser humano? Ao mesmo tempo, isso levanta a questão: onde, do ponto de vista da Unidade, estamos ‘em casa’?

O segundo artigo trata da essência mais profunda de nosso ser, muitas vezes chamada de ‘a mônada’ na Teosofia moderna. Os ensinamentos sobre a mônada são profundos, de longo alcance e inspiradores. Este artigo explica alguns dos princípios fundamentais de uma forma lógica e fácil de seguir – enfatizando, desde o início, que certamente não ‘falaremos a última palavra’. Esse estudo nos incentiva a ir além dos limites de nosso pensamento externo.

Este *Lúcifer* conclui respondendo a três perguntas que nos são feitas com frequência durante as palestras.

Esperamos que esses artigos lhe proporcionem a paz espiritual necessária para manter a calma nestes tempos confusos e conturbados, de modo que não sejamos levados pelas correntes de turbulência egoísta que atravessam o mundo. Podemos ser rapidamente tentados a concentrar nosso pensamento na crítica, em ‘ser contra tal ou qual pessoa, tal ou qual comportamento’, em vez de construir imagens de compreensão mais ampla e de nossas próprias possibilidades e responsabilidades. Se você for pego em uma espiral de pensamentos críticos pelas notícias diárias, reconheça o que está fazendo: você está se conectando com elas e abrindo sua mente para as características que considera tão questionáveis. H.P. Blavatsky escreveu sobre isso:

Há um aspecto muito importante que você não deve ignorar. Toda vez que critica dura e impiedosamente os defeitos de outra pessoa, você atrai para si certas quantidades de elementais dessa pessoa. Eles se prendem a você e se esforçam para encontrar em você um estado, ponto ou falha semelhante ao que deixaram na outra pessoa. É como se eles o tivessem deixado para servi-lo com salários mais altos, por assim dizer.⁽¹⁾

Mas não precisamos fazer isso! Podemos continuar a ver com os olhos abertos o que está acontecendo no mundo e, ao mesmo tempo, podemos criar ideias sobre como entender e remediar os problemas e suas causas, com base nos princípios teosóficos. Então, enviamos ao mundo elementos-pensamento que são edificantes, compassivos e de caráter enobecedor. É assim que ajudamos a construir uma sociedade na qual a ideia de unidade é central. Colocamos nossa energia de pensamento, por assim dizer, em ideais espirituais, mentais e sociais.

E promover isso é a razão da existência de nossa revista *Lúcifer – o Portador de Luz*. Confiamos que esta edição também contribuirá muito para isso.

Os editores

Referência

1. H.P. Blavatsky, ‘Conservations on Occultism’ (‘Conservações sobre Ocultismo’). Artigo em: H.P. Blavatsky *Collected Writings*, Volume IX. Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1986, p. 126. O artigo foi publicado originalmente no periódico *The Path*, em 1888.

O mistério do
HOMEM



Somos mais do que nossos corpos

O mistério do Homem – Somos mais do que nossos corpos

Introdução ao Simpósio 2024

O simpósio

No domingo, 8 de setembro de 2024, a Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) realizou um simpósio, que apresentarei a seguir. Você encontrará os textos das palestras nesta edição de *Lúcifer – o Portador da Luz*, e poderá encontrar as palestras propriamente ditas em nosso site da TSPL (canal <https://blavatskyhouse.org/symposium/archive/symposium-2024/videos/YouTube>).

O tema do simpósio *O mistério do homem – Somos mais do que nossos corpos* e, especialmente, o subtítulo *Somos mais do que nossos corpos* é uma etapa realmente desafiadora, pois é um impulso para o autoexame. É uma etapa que pode abrir mundos completamente novos para nós e ser um ponto de partida para uma nova maneira de ver, por meio da qual podemos começar a entender muitas coisas que dizem respeito a nós mesmos.

Esses três textos de palestras são o resultado de um grupo de trabalho que se esforçou muito para apresentar o conhecimento teosófico universal sobre esse assunto da forma mais fundamentada, lógica e compreensível possível. Os palestrantes e escritores

trabalharam ainda mais para colocar tudo em uma ordem teosoficamente sólida, de tal forma que você não apenas aprenda a entender o que é um ser humano, mas descubra toda a estrutura lógica da Teosofia: a estrutura universal que se aplica não apenas a um ser humano, mas fundamentalmente a todos os seres vivos, sem exceção. Usando esse conhecimento, você pode aprender a sondar, responder e, assim, resolver todas as questões da vida.

É também daí que vem a declaração acima do templo de Delfos: ‘Homem conhece-te a ti mesmo’. Se você conhece o seu Eu – com letra maiúscula – então também conhece a estrutura universal do Cosmos. Portanto, esse é o desafio que enfrentamos e o início de um novo caminho.

Tentamos formular os textos da forma mais clara e simples possível. No entanto, pode-se dizer que há alguns pensamentos desconhecidos neles, sobre os quais você deve ter tempo para refletir. Você tem esse tempo. E, por meio de nosso site, você pode reproduzir essas apresentações quantas vezes quiser e na velocidade que desejar. O simpósio consiste em três palestras: três passos que damos para

estabelecer essa lógica universal. O desafio para você, leitor, é ver se consegue reconhecer esses princípios em sua vida cotidiana. Se eles são, como dizemos, princípios universais, isso deve ser possível, sem dúvida. Explorar isso é um processo passo a passo que leva tempo.

Nesse sentido, acho que temos um *Lúcifer* muito interessante. E se você disser ‘bem, achei interessante, mas ainda tenho muitas perguntas’, poderá sempre enviá-las para os editores da *Lúcifer*, e poderemos respondê-las anonimamente em nossa revista na seção Perguntas e Respostas.

A estrutura do simpósio

O primeiro artigo do simpósio é sobre: Nunca eu não existi. O desafio é formar uma imagem disso, e eu lhe garanto que um mundo se abrirá para você.

É muito revigorante construir e entender uma visão que parte da ideia básica de *que sempre estivemos lá* – embora nem sempre nesta mesma forma. As formas externas continuam mudando à medida que nos desenvolvemos, à medida que evoluímos (usado em seu sentido teosófico). Aprendemos a expressar nossas habilidades latentes cada vez mais, em um processo interminável.

Tentamos reunir neste artigo todos os elementos necessários para chegar a uma compreensão disso, de modo que, ao final do artigo, você possa se juntar ao autor na conclusão de que você sempre esteve lá e sempre estará lá: no entanto, nem sempre da mesma forma – felizmente! Afinal, o crescimento e o aprendizado internos são um processo dinâmico. E esses artigos nos colocam em uma excelente posição para nos engajarmos nesse ‘crescimento’ e ‘aprendizado’.

O segundo artigo do simpósio discute: *O mistério do homem*. Nele, os princípios da primeira palestra se concentram na grande questão do que nós, humanos, somos e como podemos nos tornar o que queremos ser, por meio de nossas mentes - ecoando a declaração de Marco Aurélio, *nossa vida é o que nossos pensamentos fazem dela*. Ou, como disse Platão, *as ideias governam o mundo*.

O terceiro artigo do simpósio chama-se: Eu sou porque nós somos. Essa é uma afirmação muito mística que vem da tradição Ubuntu da África. Ela indica que ninguém pode existir isoladamente. Nossa existência é uma grande colaboração com muitos milhares e milhares de outros seres, que, por sua vez, podem existir devido à colaboração conosco.

Desejo a todos vocês um simpósio muito inspirador.

O mistério do HOMEM



Somos mais do que nossos corpos

Nunca eu não existi

Introdução: o que é um ser humano?

Neste simpósio, abordaremos o que é um ser humano. Essa é uma pergunta intrigante e essencial, porque quando, como mencionamos na introdução, obtemos uma visão de quem ou o que somos, também obtemos uma visão de nossa tarefa como seres humanos, de como podemos cooperar uns com os outros e de como podemos obter respostas para as questões mais profundas da vida. Nesta palestra, começaremos com a pergunta ‘quem sou eu?’ e nos concentraremos na própria essência ou fundamento do que é um ser humano.

‘Quem sou eu’ ou ‘o que sou eu’ são perguntas de vida que toda pessoa que deseja se conhecer melhor fará a si mesma em algum momento de sua vida. Essas perguntas exigem uma consideração ativa de nossa parte para que possamos chegar a respostas. Muitos pensadores profundos refletiram sobre essa questão e, também nos tempos antigos, as pessoas tentaram chegar ao cerne da questão. Na escola grega de mistérios de Apolo em Delfos, o texto exortativo ‘Homem, conhece-te a ti mesmo’ estava escrito acima da entrada. Por um bom motivo, pois quando conhecemos verdadeiramente a nós mesmos, conhecemos o universo – o que é uma sabedoria antiga. O que também sugere que todas as respostas estão dentro de nós.

Você é um corpo ou tem um corpo?

Começamos essa busca perguntando se temos um corpo ou se somos um corpo. A resposta a essa pergunta é muito importante. Porque a visão que desenvolvermos sobre essa questão limitará ou expandirá a visão que temos de nós mesmos.

Vamos olhar para o nosso corpo, porque às vezes podemos nos identificar muito com ele. Por meio de nosso corpo, obtemos todas as nossas experiências sensoriais e somos capazes de nos expressar. Quando nos identificamos com o corpo, por exemplo, durante experiências de calor, frio, fome ou sede, dizemos ‘eu’ a ele. Então, pensamos que somos o corpo, naquele momento. Entretanto, o corpo está sujeito a mudanças incessantes ao longo da vida. Ele passa por todos os tipos de estágios de crescimento, desenvolvimento e deterioração. Portanto, nosso corpo não é mais como era quando éramos crianças. E, embora a cada sete anos quase todos os átomos de nosso corpo sejam substituídos, ao mesmo tempo há também algo em nós que continua a se reconhecer e persiste nessa mudança. Então, o que há em nós que opera por trás do corpo?

Força por trás do corpo

Todas as tradições de sabedoria, ao responderem à pergunta se você tem um corpo ou é um corpo, apontam

para a ideia de que há uma força por trás da manifestação externa. H.P. Blavatsky, em seu livro *A Voz do Silêncio*, dá uma pista valiosa sobre isso ao dizer: ‘Mas dentro de teu corpo – o santuário de tuas sensações – procura no Impessoal o ‘homem eterno’...’⁽¹⁾

Vamos desenvolver esse assunto nesta palestra. Para obter uma visão verdadeira de quem é o homem, teremos de transcender os sentidos, ir além da forma externa do corpo, para obter uma visão maior *da força que atua por trás do corpo*. Para isso, buscaremos a parte inerente mais essencial de nós.

Três Proposições Fundamentais da Teosofia como base de tudo

Para fazer isso, começamos com o quadro mais abrangente, as três proposições fundamentais definidas em *A Doutrina Secreta*, sobre as quais tudo na Teosofia se apoia. Você pode encontrar esses pensamentos básicos em muitas religiões antigas ou filosofias de vida. Com esses três pensamentos fundamentais, tudo na vida pode ser explicado.

Pois, ao conhecer essas três proposições básicas, obtemos insights sobre a base de tudo o que existe e percebemos que somos parte de um todo maior e também que há um processo geral de desenvolvimento subjacente a esse todo. Por meio dessas proposições, podemos entender melhor não apenas a nós mesmos, mas também o todo.

A primeira ideia fundamental é a *ausência de limites*: um PRINCÍPIO onipresente, eterno, ilimitado e imutável, que precede todo ser manifesto e limitado. E, embora desconhecida, essa Realidade absoluta é o próprio alicerce da Vida sem limites.

A segunda proposição é a *Ciclicidade*: tudo vem e vai em um movimento dinâmico infinito de atividade e descanso. E aqui H.P. Blavatsky traz à tona uma noção muito importante: a *eternidade do peregrino*, que ela chama de *mônada* em uma nota de rodapé. Falaremos muito sobre isso. A segunda proposição explica um conceito básico muito importante, afirmando:

A Eternidade do Universo em sua totalidade como um plano sem limites [esta é a Vida sem limites; RP]; periodicamente ‘o playground de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente’, chamados de ‘as estrelas manifestantes’ e as ‘centelhas da Eternidade’. A ‘Eternidade do Peregrino’ é como uma piscadela do Olho da Auto-Existência.

Essa segunda proposição de *A Doutrina Secreta* diz respeito à validade geral da lei da periodicidade, do fluxo e refluxo,

do declínio e ascensão, que a ciência natural observou e descreveu em todas as áreas da natureza. Uma alternância, como entre dia e noite, vida e morte, dormir e acordar, é um fato tão comum, tão completamente geral e sem exceção, tão fácil de entender e tão predominante, que não percebemos que estamos lidando com uma das leis verdadeiramente fundamentais do universo.

A terceira proposição é: *Como em cima, assim em baixo, crescimento eterno e cooperação hierárquica*. Os seres superiores ou mais desenvolvidos estabelecem a base para os inferiores, o que significa que encontramos as mesmas leis em todos os níveis. Toda a vida se desenvolve e se esforça para expressar cada vez mais o ilimitado, por meio da cooperação hierárquica.

Apresentamos essas proposições fundamentais, mas é importante examiná-las por nós mesmos. Ao encontrarmos exemplos e fatos que confirmem essas proposições em nossa vida, ao experimentarmos por nós mesmos que elas estão corretas e vermos sua lógica, construímos nossas verdades. Assim como demos alguns exemplos da segunda proposição, a *Ciclicidade*, que é uma das verdades básicas mais fáceis de reconhecer. Quanto mais começarmos a vivenciar a verdade dessas proposições, mais nossa visão da vida crescerá e melhor governaremos nossa vida.

A mônada, o peregrino da eternidade

Para resumir, podemos nos referir às três proposições da seguinte forma: Ilimitabilidade, Ciclicidade e Cooperação hierárquica. Para desenvolver ainda mais nosso quadro, vamos levá-lo ao nível mais essencial da existência. Essa é a Centelha da Eternidade que acabamos de mencionar, o Peregrino, também chamado de mônada.

A partir da ausência de limites, as mônadas são um reflexo dessa ausência de limites. Como um reflexo, a mônada é a mais universal que existe, o que significa que a mônada contém e pode expressar todas as faculdades que estão presentes na ilimitação. A mônada é o núcleo interno de tudo o que existe. Existem inúmeras mônadas, que podem ser vistas como os blocos de construção ou elementos essenciais e mais espirituais do Universo.

Todos esses potenciais e qualidades latentes e ilimitados são expressos ciclicamente pelas mônadas em cooperação com outras mônadas, durante o que H.P. Blavatsky chama de ‘peregrinação obrigatória’. Todo o processo de ciclicidade também é simbolizado como a gota de orvalho que emerge do oceano e, depois de muitas e muitas andanças, finalmente cai de volta no oceano.

Assim, se a mônada é a base de qualquer forma de vida,

então a base de um ser humano é uma mônada, sendo a parte imortal e eterna dentro de nós, nosso núcleo espiritual mais íntimo e universal, enraizado na imensidão.

Uma consequência lógica é que nosso núcleo na imensidão sempre existiu e sempre existirá. Portanto, temos um caminho de crescimento e desenvolvimento infinito atrás de nós, bem como diante de nós: eu *nunca deixei de existir*. Somos um reflexo da totalidade, temos todas as qualidades em nós, mas ainda não todas desenvolvidas.

É bom perceber que, na verdade, tudo é uma mônada, portanto, a menor partícula, uma planta ou um vagalume, um ser humano, um ser divino, um sol, uma galáxia ou algo maior, todos são mônadas. E todos juntos trilham o caminho dos peregrinos do crescimento e desenvolvimento interior ilimitado. Aqui, novamente, vemos o processo universal refletido em todos os níveis, aplicando-se a todos os seres. O que também mostra que tudo é essencialmente igual, de igual valor. Um pensamento poderoso que, se for seguido à risca, traz profundas conclusões éticas.

Consciência ativada por meio da cooperação cíclica

A ciclicidade à qual as mônadas estão sujeitas significa que as mônadas passam por ciclos com alternância de atividade e repouso, de reconstrução da cooperação com outras mônadas e de liberá-las novamente, o que chamamos de vida e morte. Esse é um movimento incessante ao qual todas as mônadas estão sujeitas, com a cooperação ativa ocorrendo na manifestação, em eventos temporários mais longos ou mais curtos. Pense, por exemplo, na rotação temporária do oceano que cria um redemoinho. Ou um iceberg, criado por uma compactação de água.

Em toda a cooperação mútua entre as mônadas, a consciência está sendo ativada. Portanto, a consciência é uma das faculdades importantes da mônada. A consciência, em termos simples, é *estar consciente*: a capacidade de perceber, a experiência de que existimos. Em outras palavras, é o *ser* que está ciente. A consciência é, portanto, como Platão aponta ao descrever os seres vivos, a importante capacidade de agir e reagir: agir e responder às ações de outros seres. Perceber, agir e responder faz com que cada ser esteja em seu próprio nível.⁽²⁾

É bom perceber que a consciência só pode surgir por meio da *interação mútua dinâmica*, ou seja, por meio da interação entre os seres vivos. Nesse processo dinâmico, muitas experiências são adquiridas, criando um processo de crescimento. Todo crescimento tem o objetivo de expressar

habilidades e qualidades latentes, de dentro para fora. Por trás do crescimento está o impulso interno de cada mônada para se expressar. Todo crescimento, portanto, vem de dentro.

Portanto, o crescimento é o ‘desenrolar’, a expressão do que é inerente ao núcleo, do que é latente.

E, embora todas as mônadas sejam essencialmente iguais, nem todas as mônadas desenvolveram as mesmas qualidades - ainda não, porque potencialmente, é claro, há qualidades ilimitadas a serem desenvolvidas. Portanto, todas as mônadas diferem em seu desenvolvimento: elas percebem, agem e reagem em diferentes graus e, portanto, cooperam de maneiras diferentes. Como podemos ver esse processo?

Desenvolvimento em uma estrutura hierárquica dinâmica

O desenvolvimento ocorre em cooperação mútua em uma estrutura hierárquica dinâmica, com as mônadas superiores e mais avançadas inspirando, e não forçando, as mônadas inferiores e menos avançadas. A atmosfera emanada pela mônada mais desenvolvida forma o padrão de base para o qual as mônadas menos desenvolvidas são atraídas, iniciando assim uma cooperação: um processo que chamamos de *emanação*.

Por que elas são atraídas? Isso é causado pelas características correspondentes: essa atmosfera específica proporciona o ambiente adequado para que elas se desenvolvam. Cada mônada experimenta e aprende em seu próprio nível, em sua própria área, dentro de uma esfera superior por meio da cooperação que mantém com outras mônadas. Porque o superior precisa do inferior para se expressar, para experimentar e aprender, e o inferior, por sua vez, precisa do superior para se inspirar e crescer, para aprender a expressar o superior em si mesmo.

Podemos ver isso como os degraus da escada da vida, na qual cada mônada tem seu lugar apropriado e é capaz de se desenvolver no todo. Observando nossa hierarquia, nós, seres humanos, somos apenas um grupo de seres com qualidades mais ou menos correspondentes, dentro da grande esfera de vida da Terra e da esfera deste Sistema Solar, no qual vivemos.

Essa estrutura continua, com o Sistema Solar, por sua vez, fazendo parte da Via Láctea, e assim por diante. Isso mostra que sempre há vida dentro de uma vida maior. Assim, cada hierarquia está dentro de uma hierarquia superior, em uma sequência infinitamente ascendente. Essa cooperação hierárquica das mônadas, em sua totalidade, dá a elas a experiência necessária para evoluir.

Estágios da consciência

Nesse processo de desenvolvimento das peregrinações que as mônadas estão fazendo, a mônada progride em seu caminho, de um estágio de consciência para o próximo, em cooperação com outras mônadas. A consciência se expressa em inúmeros graus e variações sucessivos. Em cada estágio de consciência, certos aspectos são desenvolvidos e, ao mesmo tempo, as formas ou corpos apropriados por meio dos quais a consciência pode se expressar. É o desenvolvimento específico da consciência que faz de uma rosa uma rosa, de um cavalo um cavalo e de um ser humano um ser humano. No início – início é, obviamente, relativo aqui – a consciência ainda é muito primitiva. Ela se desenvolve por meio de muitas fases de consciência sempre crescente, nas quais surge cada vez mais um senso de si mesmo, até que se desenvolve até o ponto em que a autoconsciência pode ser expressa. A autoconsciência é a percepção de si mesmo e de si mesmo em relação a todos os outros seres. Mas a consciência pode se tornar cada vez mais ampla e universal, até se tornar idêntica à sua fonte – ao topo de sua hierarquia. Essa é a consciência do ‘eu sou’, enriquecida por todas as experiências.

O desenvolvimento da consciência ocorre em cooperação com a consciência superior na qual vivemos, como acabamos de dizer, primeiro seguindo inconsciente e reflexivamente os padrões habituais dessa consciência superior; pense, por exemplo, nos átomos de nosso corpo. Depois, de forma mais autoconsciente, com a consciência se desenvolvendo cada vez mais por meio de esforços autoguiados, tornando-se um colaborador relativamente autoconsciente nessa hierarquia. O desejo da própria mônada de se expressar e saber cada vez mais é a força motriz dessa evolução. E para conhecer algo, você tem que *se tornar* isso, você tem que *ser* isso.

Ser humano, em sua totalidade, é apenas um estágio em todo o processo de vida de nossa hierarquia. É o nível consciente do desdobramento da *autoconsciência* que desenvolvemos até agora. Esse é um estágio importante, na verdade, porque, como seres humanos, passamos pela transição de nos tornarmos ativamente conscientes de nós mesmos para *compreendermos* e *sermos* plenamente o todo maior em que vivemos. Um desenvolvimento que continua, pois o desenrolar das faculdades internas é um processo que não tem limites.

Homem, peregrino da eternidade

Vimos agora o quadro geral e examinamos os processos universais usando as três proposições: ausência de limites,

ciclicidade e cooperação hierárquica. Todos esses processos foram examinados do ponto de vista da consciência. Então, o que é um ser humano?

Na Vida sem limites, onde tudo está conectado a tudo o mais, os seres humanos são partes inseparáveis de tudo o que vive. Desempenhamos uma função nessa grande totalidade. Vivemos, nos movemos e temos nossa existência na Vida sem limites.

Vimos que tudo é essencialmente uma mônada, com as mônadas trabalhando juntas em uma estrutura hierárquica baseada em processos cíclicos. Com isso, podemos dizer que o ser humano é uma colaboração de quase incontáveis mônadas diferentes, dos níveis de expressão e qualidades com os quais temos afinidade. Desde a mônada mais desenvolvida, nosso núcleo mais interno e universal, que é a fonte de todas as camadas intermediárias, até a camada mais baixa, o corpo físico com seus órgãos, células e átomos. Nós nos expressamos, experimentamos e aprendemos por meio da cooperação com todas essas mônadas. Somos então nossos corpos, voltando à nossa pergunta inicial? A resposta é: *temos* um corpo. Somos um ser composto e temos um relacionamento de cooperação com todas as mônadas que compõem nossa constituição.

O SER HUMANO *em si* é uma entidade invisível.⁽³⁾ Nosso núcleo mais profundo é o eterno Peregrino sem limites, nossa mônada: *nunca eu não existi*. Nessa parte, o homem sempre existe e sempre existirá. Fazemos isso expressando, vida após vida, mais e mais das capacidades internas de nosso núcleo mais profundo.

No caminho de peregrinação universal, que todos os seres percorrem, o homem surgiu como uma centelha divina inconsciente. Em estágios cíclicos de crescimento e desenvolvimento, o homem está agora se tornando um ser autoconsciente.

Expressamos apenas parte disso. Podemos expressar muito (infinitamente) mais de nosso Ser. E é isso que nossa mônada interna sempre nos incentivará a fazer. Como nossa autoconsciência se desenvolve e quais são nossos passos e oportunidades de crescimento serão explicados na segunda aula.

Quem sou eu?

Depois do que foi dito, vamos tirar algumas conclusões. Se voltarmos à pergunta inicial ‘quem sou eu?’, podemos concluir que somos muito mais do que aquilo que costumamos dizer ‘eu sou’. Como seres humanos, somos uma cópia em miniatura do universo. Ao conhecer a si mesmo, você conhece o universo, porque somos

construídos com a mesma estrutura.

Como seres humanos, somos um elo essencial no Todo e, com esse entendimento, nós, seres humanos, podemos desempenhar um papel valioso na totalidade, em nosso próprio lugar.

Ao compreender a estrutura do universo, sabemos que podemos nos desenvolver ainda mais e restaurar todas as coisas que não se harmonizam com o todo. Vamos falar sobre isso em detalhes na terceira palestra.

Nunca eu não existi..., podemos nos identificar com o imperecível dentro de nós e, assim, mudar, aprofundar e ampliar nossa visão do mundo. Em nossas interações com nossos semelhantes e com toda a vida, sabemos agora que todos eles são peregrinos eternos, com os quais trilhamos o caminho compartilhado do crescimento interior. Essa compreensão traz respeito por toda a vida.

A cooperação é a chave mais importante. Assim, vimos que somente por meio da cooperação podemos crescer e nos desenvolver. Só existimos por meio de todo o resto. Sempre podemos contribuir para o desenvolvimento do todo, pois, à luz da Unidade, *somos* o outro.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*. Fragmento II, 'Os dois caminhos', 19º parágrafo.
 2. Platão, *Fedro*, seção 245c-e, Platão-paginação universal.
 3. G. de Purucker, *Golden Precepts of Esotericism*, ('Preceitos de ouro do esoterismo') Theosophical University Press, Point Loma, Califórnia, nona impressão, 1931, p. 69. (A tradução desse livro para o português será publicada em breve).
-

O mistério do
HOMEM



Somos mais do que nossos corpos

O mistério do Homem

Homem: um centro de consciência dinâmico

A primeira palestra mostrou que o homem é essencialmente ilimitado. Um centro de consciência dinâmico que sempre existiu e sempre existirá e que carrega dentro de si todas as possibilidades existentes no Sem Limites. Nesta palestra, daremos uma olhada mais de perto no mistério do homem. E com mistério não queremos dizer que o homem é algo misterioso ou incompreensível, como às vezes se quer dizer com essa palavra, mas que há uma verdade ou um significado mais profundo por trás do que inicialmente pensamos saber. E isso se deve ao fato de que agora estamos focados principalmente no homem exterior e, por trás desse homem exterior, está o homem interior, no qual vários processos importantes estão ocorrendo. Ao obtermos uma percepção desses processos, podemos orientar nossas vidas em um nível muito mais profundo e contribuir para a totalidade como um todo.

O homem é um pensador

A primeira palestra também mostrou que a ação e a reação formam a raiz ou a base do desenvolvimento da consciência.

Se considerarmos agora o que nos torna seres humanos, é porque nós, como seres humanos, temos em comum o fato de termos atingido o

nível do pensamento. Portanto, a palavra 'homem' é derivada da palavra sânscrita 'Manas', que significa 'pensamento'.

E como podemos pensar, temos a capacidade de perceber os pensamentos e interagir com eles. A capacidade de pensar é um processo consciente que nos permite imaginar algo ou formar nossa visão da realidade. Ao pensar, somos capazes de comparar coisas entre si e fazer escolhas com base em considerações. E, ao expressar nossos pensamentos em palavras, podemos trocar pensamentos uns com os outros, o que pode ser visto como enviar e receber pensamentos.

Nessa capacidade de pensar, entretanto, não somos perfeitos. Somos, por assim dizer, pensadores ainda muito jovens e iniciantes. Em muitos casos, ainda estamos muito concentrados em nós mesmos e perdemos de vista a conexão com o todo. Algo que também podemos ver quando observamos os problemas que surgem no mundo.

A autoconsciência é um aspecto específico do nosso pensamento

Um aspecto específico de nosso pensamento, de nós como pensadores, é que temos *auto*-consciência, e autoconsciência significa que podemos ter pensamentos sobre nós mesmos e que podemos nos ver ou nos perceber em relação a tudo o mais.

Quando nos identificamos principalmente com nós mesmos, é o que chamamos de orientação 'eu sou eu', também chamada de orientação baseada na personalidade.

Assim, nos colocamos no centro de nosso pensamento e relacionamos as experiências que temos a nós mesmos. E o contrário, quando nos identificamos com o todo e relacionamos nossos pensamentos e ações a ele, dizendo 'eu' ao todo, isso é chamado de consciência 'eu sou'. Em seguida, nos concentramos no homem interior e nos conectamos com áreas de consciência muito mais elevadas e amplas, que incluem o pensamento ético, a compaixão, o pensamento de sabedoria e o pensamento de unidade.

Áreas das quais muitas vezes não temos consciência nessa fase de nosso desenvolvimento, mas que podemos desenvolver em nós mesmos.

Isso também é o que os Grandes Mestres nos mostram, sem exceção. Eles são homens que estão muito à nossa frente em sabedoria e ética e se tornaram tão unos com tudo o que vive que fizeram de sua missão de vida ensinar e nos guiar nesse caminho. Exemplos de tais homens são Platão, Lau Tze, Jesus, o Nazareno, e Gautama, o Buddha.

Nossa natureza composta

Agora que construímos uma imagem de nosso pensamento e autoconsciência, vamos explorar como somos compostos como seres humanos. Para fazer isso, podemos fazer diferentes classificações e, para esta palestra, faremos uma divisão em três partes. A saber:

- Uma parte espiritual/imortal
- Uma parte de aprendizado
- Uma parte transitória ou mortal

A *parte espiritual imortal* em nós é a mônada e forma o núcleo de nossa consciência. Todas as faculdades e qualidades que estão disponíveis no cosmos também estão disponíveis em nosso núcleo. A parte imortal está ciente da unidade de toda a vida e tem uma compreensão tão completa das leis e dos padrões da vida universal que é completamente uma com ela. Desse eu superior relativo em nós flui um fluxo constante de consciência e inspiração. Ele é a fonte de nossos impulsos mais nobres. Nossa receptividade a esses impulsos é geralmente chamada de intuição. São flashes da realidade, a percepção imediata da conexão mais profunda e do contexto essencial, por meio dos quais chegamos a um entendimento maior.

A *parte de aprendizado* é a parte de nossa consciência que aprende a expressar cada vez mais as habilidades internas da parte imortal. Essa é a parte em que estamos ativos com nossa autoconsciência, a parte para a qual dizemos 'eu', na qual aprendemos, temos nossas experiências e crescemos. Como isso é continuado por nós vida após vida, essa parte também é chamada de nossa parte reencarnante ou ego reencarnante. E um dos aspectos mais elevados da parte de aprendizado é chamado de depósito das lições éticas que aprendemos durante as muitas vidas que já vivemos como pensadores e representa nossa consciência.

E depois há a *parte transitória ou mortal*. O instrumento

Natureza composta do homem

Parte espiritual e imortal

Parte do aprendizado

Parte transitória

Espírito
imortal

Alma
aprendizado

Corpo
transitório

ou veículo no qual nos expressamos, experimentamos e aprendemos, e do qual o corpo faz parte. Essa parte é chamada de mortal porque, após um período de atividade, ou seja, quando nos retiramos para os reinos internos, esse instrumento se desfaz e terá de ser reconstruído novamente na próxima vida.

O caráter dual de nosso pensamento

Se agora, a partir dessa divisão tríplice, ampliarmos a parte do aprendizado, veremos que essa parte pode se concentrar tanto na parte espiritual/imortal quanto na parte transitória/mortal.

Quando concentramos nosso pensamento em nossa parte imortal, concentramo-nos no núcleo ou na fonte de nossa consciência. É um pensamento impessoal porque transcende nossa personalidade. Esse tipo de pensamento se baseia na unidade e na interconexão, é caracterizado por insight e compreensão e também é chamado de pensamento de sabedoria.

Nosso pensamento também pode se concentrar em nossa parte mortal, o que também é chamado de pensamento pessoal porque a personalidade é o ponto médio ou o centro desse tipo de pensamento. É bom lembrar que, por exemplo, cuidar do corpo e da personalidade não é um problema em si, mas quando nos concentramos demais nisso, perdemos a visão do quadro geral e nos tornamos separados e egoístas. No entanto, infelizmente, essa é a característica que vemos muito no mundo atual.

Essas duas orientações de pensamento também são chamadas de ‘pensamento superior’ e ‘pensamento inferior’ no homem.

Como nos tornamos quem somos?

Essa estrutura básica que consiste em uma parte imortal, uma parte de aprendizado e uma parte mortal está presente em todo ser humano. Todos nós possuímos a capacidade de pensamento superior e inferior e, portanto, todos nós possuímos as mesmas potências ou capacidades. Ao mesmo tempo, cada ser humano é diferente. Não é possível encontrar nenhum ser humano que lide com essas capacidades exatamente da mesma maneira.

Vamos agora nos perguntar por que nos tornamos quem somos. Por que nos expressamos exatamente dessa forma e por que não somos diferentes. A resposta para isso pode não ser mais surpreendente. Somos pensadores. Nós nos desenvolvemos por meio de nosso pensamento e, ao fazê-lo, nos tornamos quem somos. Cada pensamento que tivemos no passado contribuiu para sermos quem somos. Desde as

preferências e tendências que temos, a maneira como agimos e reagimos e também como reagimos emocionalmente a algo até a forma de nosso corpo físico. Tudo isso é resultado de nosso pensamento.

Foi, portanto, o imperador romano Marco Aurélio que expressou esse pensamento de forma poderosa com as seguintes palavras: ‘Sua vida é o que seus pensamentos fazem dela.’

Consequentemente, tudo o que fazemos é precedido por um pensamento. Não é possível realizar uma ação sem um pensamento ou uma série de pensamentos que a precedam. Pelas ações que repetimos, formamos padrões habituais, e a soma total desses padrões habituais forma nosso caráter.

Isso pode ser representado pela seguinte sequência: pensamento – ação – hábito – caráter.

Nosso caráter, portanto, não é algo que construímos nesta curta vida que estamos vivendo agora. É a consciência que desenvolvemos ao longo de muitas e muitas vidas que já vivemos e que continuaremos a desenvolver, cada vez mais, tanto nesta vida quanto em vidas futuras. Isso também explica por que podemos ter talentos como aptidão musical, pintura habilidosa, discernimento em jardinagem ou Sabedoria Universal. Tudo o que desenvolvemos com facilidade é, na verdade, uma recapitulação do que já dominamos em vidas anteriores. E, de forma análoga, podemos dizer que os aspectos para os quais precisamos nos esforçar para manifestá-los em nós mesmos são novos para nós. Eles formam o campo de nosso crescimento.

O caráter é derivado da palavra grega *kharássein*, que significa ‘arranhar’, o que mostra que o caráter é a estrutura total de nossa consciência expressa, que está constantemente tomando forma em um processo cíclico. Nosso caráter é dinâmico. Novas características nascem, velhas características morrem, e a base para esse processo é sempre o nosso pensamento.

Ao ter novos pensamentos, revisar antigos padrões de pensamento ou não pensar mais neles, substituindo-os por novos, formamos uma base para agir de forma diferente, a partir da qual novos padrões habituais podem se desenvolver, levando a mudanças em nosso caráter. Agora, isso não terá efeito apenas nesta vida, mas também nas próximas. A direção de nosso pensamento é sempre o fator determinante de nosso crescimento.

Portanto, podemos dizer que você semeia um pensamento, colhe uma ação, semeia uma ação, colhe um hábito, semeia um hábito, colhe um caráter, semeia um caráter, colhe uma encarnação.

Enviando pensamentos

Além disso, há outro aspecto importante a ser reconhecido com relação ao nosso pensamento. Muitas vezes se pensa que pensar não prejudica ninguém. Que não temos nenhuma influência sobre os outros por meio de nosso pensamento, mas não é nada disso que acontece.

Como pensadores, também somos emissores e receptores de pensamentos. Quando compartilhamos pensamentos com outras pessoas, transmitimos pensamentos, mas também quando estamos pensando e não os compartilhamos diretamente, também os transmitimos e contribuimos para a atmosfera de pensamento ou clima de pensamento no mundo. Assim como há uma certa influência do clima, também emana uma certa influência dessa atmosfera de pensamentos.

Recebendo pensamentos

Além disso, também somos receptores de pensamentos. Pensamentos da mais variada qualidade são transmitidos durante todo o dia, e os pensamentos que recebemos dessa massa, especialmente quando não estamos conscientes disso, causam uma impressão em nós, por menor que seja. Esses pensamentos encontram um lar em nós e, especialmente quando isso ocorre por um longo período de tempo, pode ter um impacto em nosso caráter.

Contribuir para a harmonia ou desarmonia

Portanto, com nosso pensamento, não apenas damos direção ao nosso desenvolvimento, mas, como somos parte do todo, também contribuimos com nosso pensamento para o desenvolvimento do todo. E com cada pensamento que temos e cada ação que realizamos, estamos contribuindo para isso. Dessa forma, somos responsáveis por nosso pensamento. Quando somos tão egocêntricos em nosso pensamento e em nossas ações que perdemos de vista o todo, ou seja, quando estamos sintonizados com nosso caráter com ‘c’ minúsculo, estamos separados e contribuimos para a desarmonia. No entanto, quando pensamos e agimos de tal forma que, em tudo o que fazemos, estamos alinhados com o todo ou, em outras palavras, quando estamos alinhados com nosso caráter com C maiúsculo, contribuimos para a harmonia do todo. Portanto, não precisamos jamais pensar que não temos influência ou que o que fazemos não conta. De fato, tudo sempre contribui para tudo. Assim como um raio de luz pode iluminar um cômodo ou uma partícula de sal pode mudar o sabor da comida, um pensamento impessoal também pode mudar a perspectiva geral do coletivo pensante no mundo.

Como nos tornarmos mais do que somos agora?

Nossa meta: passar do pensamento pessoal para o impessoal

Já indicamos que formamos nossos padrões de hábitos e nosso caráter com nosso pensamento. Esses padrões de hábitos e nosso caráter, por sua vez, formam a base de nosso processo de pensamento e, quando não estamos atentos ou alertas a isso, continuamos a reforçar nosso pensamento habitual e ficamos presos em uma espécie de ‘loop’, por assim dizer. Especialmente quando o pensamento é de natureza pessoal, podemos nos tornar tão identificados ou tão emaranhados com ele que dificilmente podemos imaginar que outros caminhos também são possíveis e, conseqüentemente, nosso crescimento será obstruído.

Para transcender esse pensamento habitual e essa ação habitual, precisamos de uma cunha para abrir os moldes de nosso pensamento. Para sair do padrão arraigado de pensamento. Para nos tornarmos cada vez mais autoconscientes de nosso pensamento e da influência que ele tem em nosso ambiente.

Ao fazer isso, podemos mudar o centro de nossa consciência do pensamento pessoal para o impessoal.

Para estimular esse desenvolvimento, na parte seguinte desta palestra, apresentaremos uma série de passos que podem nos ajudar a formar um novo paradigma de pensamento. Ao aplicar essas etapas diariamente e de forma consistente como um processo contínuo, podemos inseri-las como um padrão habitual em nosso caráter.

Formando uma visão

O primeiro passo é formar uma visão de vida baseada nos princípios universais, na qual nos concentramos na unidade e na igualdade de toda a vida. Quando construímos essa visão, nos esforçamos para torná-la tão inspiradora que, para nós, vale a pena nos comprometermos com ela e torná-la uma força viva em nossa vida.

Ao fazer isso, podemos, por exemplo, construir uma visão da sociedade ideal. Como esse mundo poderia ser? E, ao fazer isso, devemos nos lembrar de que não estamos fazendo isso em termos negativos, dizendo: ‘não haverá mais pobreza ou doença’. Fazemos isso em termos positivos. Por exemplo, ao formar uma visão de como as pessoas cooperariam entre si e com os outros reinos da natureza, ou como os problemas que encontramos na vida serão resolvidos e quais princípios aplicaremos ao resolvê-los. Passo a passo, podemos desenvolver nossa visão cada vez mais.

Um próximo passo poderia ser não apenas olhar para o

mundo externo, mas também examinar como ocorrem os processos internos da vida. Quando, por exemplo, obtemos insight sobre os processos de vida e morte ou examinamos os processos de causa e efeito, podemos adquirir cada vez mais sabedoria sobre a vida interior ou os processos internos da Natureza, por meio dos quais podemos desenvolver ou aperfeiçoar cada vez mais nossa visão da vida. E quando nos concentramos em nossa visão da vida, quando refletimos sobre os processos internos da natureza ou sobre como os problemas que vemos no mundo podem ser resolvidos, tornamos nosso pensamento mais receptivo à nossa intuição e nos conectamos cada vez mais com nossa parte impessoal.

A construção de uma visão de vida é um processo sem limites que pode ser trabalhado repetidamente. Por enquanto, deixaremos isso de lado e passaremos para a segunda etapa, mas, no final deste simpósio, voltaremos a esse assunto e o informaremos sobre o que pode ser feito para construir uma visão de vida e de que forma nossa organização pode apoiá-lo nisso.

Ativação

Bem, nós trabalhamos nisso. Formamos uma visão. Então, a segunda etapa é ativar essa visão todos os dias. Pois, por mais sublime que seja nossa visão da vida, ela terá valor limitado se não a transformarmos em um poder ativo na vida. Com esse propósito, Katherine Tingley, a terceira líder da Sociedade Teosófica de Point Loma, recomenda que todas as manhãs, imediatamente após o despertar, concentremos nosso pensamento em nosso ideal e deixemos de lado tudo o que tem a ver com pensamentos inferiores, de modo que nosso pensamento não seja atraído por questões externas e nossa visão ideal possa se tornar a tônica do dia.

Aplicação

A terceira etapa é alinhar nosso pensamento e nossas ações durante todo o dia com base na ideia principal que formamos pela manhã. Não para nos *esforçarmos*, pois assim a transformamos em algo que colocamos fora de nós, mas *assumindo-a*. Assim, tudo o que fazemos durante o dia respira a esfera de nossa visão da vida. No sentido mais amplo que podemos imaginar, nas escolhas que fazemos, nos pensamentos que temos, nas conversas que temos ou nas perguntas que enfrentamos durante o dia. Que somos constantemente uma expressão viva de nossa visão da vida. Esse não é um processo que podemos fazer sozinhos. O crescimento e o aprendizado ocorrem principalmente na

Como nos tornarmos mais do que somos agora?

Desenvolvimento do caráter em quatro etapas:

- Formando uma visão
- Ativar essa visão, concentrando nosso pensamento em nosso ideal
- Aplicar a visão, transformando-a em ação
- Olhando para trás

As quatro etapas apresentadas acima são baseados no livro *The Wisdom of the Heart* ('A Sabedoria do Coração') de Katherine Tingley, p. 51-68.

Trata-se de dois capítulos intitulados 'Keynotes on the path 1 e 2'.

(Fonte: blavatskyhouse.org/literature/katherine-tingley/).

interação – agindo e reagindo – sobre e com os outros. Tudo no Universo se baseia na cooperação e, portanto, a cooperação é a melhor maneira de superar a personalidade, porque na cooperação aprendemos a apoiar o todo da melhor maneira possível.

E, durante o dia, quando nos deparamos com escolhas difíceis ou dilemas, que são situações típicas em que surgem questões éticas ou em que somos movidos para cima e para baixo entre nossa parte pessoal e impessoal, essas são situações típicas em que nossa consciência pode se manifestar, dando-nos um sinal. Se ouvirmos nossa consciência nessas situações, poderemos fazer a coisa certa e restaurar a harmonia.

Olhando para trás

No final do dia, abrimos espaço para quarta etapa. Antes de dormir, fazemos uma retrospectiva do dia. Procuramos coisas que poderíamos ter feito melhor ou que possivelmente deixamos de fazer. Não fazemos isso para fazer um balanço, mas para aprender e construir algo a partir disso e, depois disso, terminamos o dia com um pensamento de elevação. Em seguida, voltamos para os reinos internos durante o sono e acordamos fortalecidos no dia seguinte.

Assim, passamos por um processo pelo qual crescemos do homem pessoal para o Homem Universal. Desse modo, experimentamos cada vez mais a nós mesmos como uma parte autoconsciente do todo e contribuimos para uma sociedade baseada na Fraternidade como fato na Natureza.

O mistério do
HOMEM



Somos mais do que nossos corpos

EU sou porque nós somos

Introdução

Na primeira palestra, abordamos a questão ‘Quem sou eu?’, ‘*Sou* um corpo ou *tenho* um corpo?’ Mostramos que nós, assim como toda a vida, somos essencialmente *centelhas da eternidade*; mônadas: sem limites, cíclicas e em eterno crescimento; centros dinâmicos de consciência, que sempre existiram e sempre existirão.

Na segunda palestra, discutimos ‘o mistério do homem’. Nela, mostramos que, em nossa evolução *humana*, somos pensadores e desenvolvemos a autoconsciência. E que podemos direcionar nosso desenvolvimento, concentrando-nos mais na parte espiritual imperecível em nosso ser composto, que consiste em uma parte ‘espiritual’, uma ‘de aprendizado’ e uma ‘veicular’.

Uma conclusão essencial até agora é que *todo* ser humano tem uma natureza superior infinita e que, fundamentalmente, carregamos todas as possibilidades dentro de nós. Já foi observado aqui que nos desenvolvemos de uma *centelha da eternidade* sem autoconsciência para um ser humano autoconsciente. Como seres humanos autoconscientes, aprenderemos cada vez mais a expressar nossa essência mais profunda, aquela que está sempre presente, e a expressá-la no mundo em que vivemos.

Mas ainda não chegamos lá, há um longo caminho a percorrer.

O ideal do homem universal

Portanto, nesta terceira palestra, queremos abordar a seguinte questão: *como nós, humanos, podemos aprender a expressar melhor nossa essência mais profunda, essa centelha de eternidade?*

Como expressar esse núcleo universal sem limites que essencialmente somos? Ou, em outras palavras, como podemos realmente nos tornar Humanos com H maiúsculo? *Humanos universais*, ou humanos divinos, você também poderia dizer. Como podemos expressar ‘o lado espiritual’, a mônada, por meio de nosso ‘lado material’, nosso veículo?

Para responder a essa pergunta, é importante primeiro deixar claro quais são as características de um ser humano universal. Como reconhecer as características, as qualidades, do que somos em nossa essência mais profunda?

O cerne disso é o *senso de unidade*, a visão interior e o conhecimento de que tudo é uno e inseparável. Consequentemente, você será uma expressão viva dessa unidade. É um sentimento tão poderoso que você transcendeu completamente a ideia de que está separado dos outros. Isso significa que você também age continuamente a partir desse senso de unidade. Você não age para seu próprio benefício, mas para melhorar o todo. Você pensa consistentemente de forma impessoal, como Iljitsj chamou em sua palestra.

E esse pensamento universal e impessoal de um senso de unidade também implica em viver moralmente de *acordo com nossas mais elevadas percepções éticas*. De fato, se você procede da unidade, não há espiritualidade sem moralidade. Tudo o que você faz ou pensa, você o faz a partir desse senso de unidade. Portanto, a partir dessa visão de unidade, você é altruísta por natureza, justo por natureza, compassivo por natureza, paciente etc.

Em suma, todas as virtudes que encontramos nas várias tradições mundiais, do Oriente ao Ocidente, de Platão a Buddha. Portanto, essas virtudes não são inventadas ao acaso, mas surgem de um reconhecimento interno da unidade fundamental de toda a vida. Tudo isso significa que a ética não é uma invenção ou construção humana, mas uma realidade fundamental no universo, uma Lei da Natureza.

Portanto, quem somos essencialmente como seres humanos é também uma questão profundamente *ética*.

O verdadeiro ser humano universal é aquele que se reconhece como UM com o todo e age eticamente. Esse ser humano sempre age em prol do bem comum e a serviço do todo.

Todo crescimento vem de dentro

Todo mundo, seja jovem ou idoso, tem uma consciência intuitiva disso, em maior ou menor grau, mas também sabemos como é difícil viver de acordo com isso. Por que isso acontece e o que precisamos fazer para crescer nesse sentido?

Na primeira palestra, dissemos que todo crescimento vem de dentro. Há uma *fonte interna de inspiração*. Nada do que aprendemos é acrescentado de fora. Só podemos nos desenvolver por meio de nosso próprio esforço. No entanto, nosso ambiente desempenha um papel importante nisso. Mas e quanto a isso, se tudo vem de dentro, qual é o papel do nosso ambiente no crescimento de nosso caráter, na expressão de nossas características humanas (universais)?

Karma e reencarnação

Você só pode entender isso corretamente se assumir karma e a reencarnação. Na primeira palestra, já falamos sobre o princípio universal da ciclicidade. A consciência sem limites, que todo ser é essencialmente, passa por ciclos com alternância de atividade e descanso, de vida e morte. Tudo se reincorpora. Aplicando isso à vida da consciência humana e animal, que se reveste de um corpo de carne, estamos falando da lei da reencarnação.

O karma, ou a lei de causa e efeito, está intrinsecamente

ligado a ele. *A reencarnação e o karma não podem ser explicados um sem o outro*. Como e onde encarnamos procede inteiramente de acordo com a lei de causa e efeito. Na segunda palestra, dissemos como toda ação é precedida por um pensamento. Como as repetições de pensamentos se tornam hábitos e, assim, formam coletivamente nosso caráter. E como isso também funciona ao longo de várias vidas. Reencarnamos e colhemos em vidas subsequentes o que semeamos nesta e em vidas anteriores. Portanto, nada simplesmente acontece conosco.

A cada encarnação, atraímos novamente as coisas com as quais criamos conexões em vidas anteriores, sejam elas positivas ou negativas. Porque tanto o amor quanto o ódio são forças atraentes. Os traços de caráter que temos, onde nascemos, em que país, com que pais, a saúde de nosso corpo, tudo isso decorre logicamente dessa lei de causa e efeito.

O ambiente e as circunstâncias são um espelho

Essas leis de reencarnação e karma refletem diretamente a relação entre nós e nosso ambiente. De fato, nosso ambiente não é acidental. Karmicamente, estamos exatamente lá e naquelas circunstâncias para as quais nos atraímos, nesta ou em uma vida passada.

Isso significa que nossas circunstâncias nada mais são do que um espelho para nós mesmos. Um feedback de nosso comportamento e ações anteriores.

Essa compreensão permite que você veja suas circunstâncias exatamente como aquele *material de aprendizado*, aquele impulso necessário para que você cresça como ser humano e entre cada vez mais em harmonia com todas as outras vidas. Às vezes, elas funcionam como limitações que temos de superar. Às vezes, funcionam como oportunidades ou talentos que podemos usar para o bem maior.

Entender isso faz com que suas circunstâncias apareçam sob uma luz totalmente diferente.

Então você percebe que suas circunstâncias são totalmente *justas*, porque nada acontece conosco que não nos pertença. Ninguém, a não ser nós mesmos, é responsável por nossas circunstâncias. E o mesmo se aplica ao nosso futuro que estamos construindo agora. Temos esse futuro, e se ele será harmônico ou desarmônico, em nossas próprias mãos. O fato de que nossas circunstâncias decorrem de nossos próprios pensamentos e ações é, portanto, um pensamento *muito esperançoso*: porque se quisermos circunstâncias diferentes (tanto pessoalmente quanto no mundo), podemos, na verdade devemos, começar por nós mesmos.

Então, você não se vê mais como subordinado ao destino,

mas pode tomar sua vida em suas próprias mãos. Você percebe, então, que é um ser humano com uma tarefa na vida, que tem lições a aprender. Lições que se adaptam ao seu caráter, para dar o próximo passo além do nível em que já se desenvolveu, para crescer e se tornar um colaborador da natureza.

Pensamento impessoal ‘Eu sou’

Nesse sentido, a imagem delineada na segunda palestra sobre o pensamento impessoal é muito importante. O pensamento impessoal não é o pensamento a partir da personalidade, o pensamento ‘eu sou eu’, identificando-se com a Mariska externa, pois estou aqui como pessoa, morando em Holanda e trabalhando em Haia. Não, por pensamento impessoal queremos dizer o pensamento universal e mais abstrato de que sou capaz como ser humano, o pensamento que transcende minha personalidade. O pensamento ‘eu sou’. Trata-se de se identificar com a humanidade como um todo, a partir de um senso de unidade. Isso nos faz superar nossas circunstâncias pessoais, como onde moramos, quem é nossa família, onde trabalhamos, etc. *O crescimento que vem de dentro é o crescimento do pensamento pessoal ‘eu sou eu’ para o pensamento impessoal ‘eu sou’.*

Podemos nos apegar a esse pensamento impessoal mesmo quando nossas circunstâncias às vezes não parecem tão positivas ou limitadoras. Da perspectiva de nosso pensamento impessoal, sabemos que carregamos dentro de nós todo o potencial de restauração e crescimento. À luz da reencarnação e do karma, certas circunstâncias também não surgem em nosso caminho em um determinado momento. Em vez disso, elas são ocasiões que nos dão a oportunidade de aprender, de restaurar a harmonia. Por exemplo, você exige demais do seu corpo, fica cansado ou sobrecarregado e precisa se recuperar disso. Se usarmos nosso pensamento impessoal e refletirmos sobre nossa situação, também perceberemos que talvez tenhamos exigido demais de nós mesmos e que agora é o momento de ter calma e manter a cabeça no lugar ou ouvir mais nosso coração.

O aprendizado e o desenvolvimento sempre acontecem em colaboração com o ambiente, em todas as encarnações

Em várias vidas, esse princípio não é diferente, só que não temos mais a memória das causas que semeamos em vidas anteriores. Podemos nascer com uma deficiência física e, portanto, ser menos aptos do que outros. Ao mesmo tempo, isso não nos impede de nos desenvolver mentalmente e, talvez, ao fazer isso, desenvolvamos mais empatia por

outras pessoas que também são limitadas e vejamos como podemos defendê-las. Compreender essa lei natural de causa e efeito significa, portanto, que não nos veremos como vítimas de nossas circunstâncias.

Percebemos, então, que não são as circunstâncias em si que determinam nossa vida, mas como as vivenciamos e reagimos a elas. Sob a perspectiva do karma, todas as circunstâncias desafiadoras se tornam momentos de aprendizado, oportunidades de crescimento.

Consequentemente, podemos concluir que o aprendizado e o desenvolvimento sempre acontecem em colaboração com o ambiente. Nenhum ser humano pode existir isoladamente. Portanto, a resposta à pergunta sobre como nosso crescimento de caráter está relacionado ao nosso ambiente é que não há distinção real entre nós e nosso ambiente. *Nós somos o nosso ambiente.* E isso também faz sentido se você partir da unicidade. Só que muitas vezes ainda não nos damos conta disso.

Eu sou porque nós somos

Na primeira palestra, mostramos que somos uma *centelha de eternidade* nas profundezas de nosso ser e agora acrescentamos que só podemos trazer à tona essa qualidade em conexão com nosso ambiente.

Somos o nosso ambiente e simplesmente não poderíamos estar lá sem todas as outras formas de vida: os bilhões de células que compõem nosso corpo, os pensamentos para nos expressarmos, as plantas e os animais que nos fornecem alimentos, o sol com seus raios que fornece à Terra tudo o que ela precisa. Toda a vida, todas essas infinitas mônadas são inseparáveis e interconectadas. Só podemos desenvolver nossas qualidades como seres humanos em cooperação com o todo. Não podemos existir uns sem os outros. Um pensamento que está no centro de todas as tradições religiosas e filosóficas, mas que foi formulado de forma particularmente poderosa na filosofia Ubuntu: *‘Eu sou porque nós somos’*⁽¹⁾

Tornar-se um ser humano universal

E, com essa conclusão, voltamos à nossa pergunta inicial: como podemos, como seres humanos, nos tornarmos mais de nossa verdadeira essência? Para isso, lembro-me do que disse anteriormente, sobre a ideia de que a característica de nossa essência mais profunda é ética, tendo como ponto de partida a ação a partir da unidade. E com o que foi discutido na primeira palestra, que toda a vida, todas as mônadas, constituem a unidade como as gotas no oceano. Cada gota também é essencialmente o próprio oceano.

Quando combinamos isso com o que acabamos de dizer sobre nosso relacionamento com o ambiente, temos a chave para nos tornarmos verdadeiramente Humanos com H maiúsculo. Ou seja, em todas as situações, na forma como reagimos ao nosso ambiente, lidamos com nossas circunstâncias etc., agimos moralmente acima de tudo, *de acordo com nossas mais elevadas visões éticas*. Que interagimos continuamente com nosso ambiente e com toda a vida ao nosso redor, apoiando essa vida, ajudando-a a se desenvolver. Em seguida, desenvolvemos nosso Caráter com C maiúsculo e nos tornamos o ser *Humano universal*.

Com o desenvolvimento de nosso pensamento, nos tornamos *autoconscientes* no estágio humano. Essa é uma etapa essencial em nossa evolução como consciência, pois nos permite refletir sobre nós mesmos e *dar direção à nossa evolução*. O paradoxo, no entanto, é que assim que nos tornamos autoconscientes e podemos refletir sobre nós mesmos, para crescermos ainda mais, temos que nos esquecer de nós mesmos novamente! Para nos tornarmos realmente humanos, precisamos aprender a pensar a partir de nossa parte impessoal superior, precisamos aprender a nos desenvolver a partir da consciência pessoal do ‘eu sou eu’ em direção à consciência impessoal do ‘eu sou’. Porque o próximo passo para nós é reconhecer que a ideia de um eu pessoal, como uma entidade separada dos outros, é uma ilusão. Não existe um eu separado, estamos em tudo conectados ao nosso ambiente e a toda a vida.

Portanto, não se trata de desenvolver nosso eu pessoal, mas de desenvolver o todo, do qual somos uma parte natural.⁽²⁾ O cerne disso é nosso *senso de unidade*, que já mencionamos anteriormente como a característica definidora do ser humano universal.

Portanto, é uma ilusão pensar que primeiro você precisa crescer espiritualmente ou se tornar sábio antes de poder ajudar os outros. Na verdade, é o contrário: ao ajudar praticamente os outros ao seu redor, vivendo de acordo com seu melhor entendimento ético, você desenvolve cada vez mais sua essência interior, não como um fim em si mesmo, mas como resultado de perceber que não há separação e como resultado de pensar e agir a partir da unidade. Pensar e agir a partir da parte mais elevada, o ideal mais elevado que temos dentro de nós.

Não é por acaso que um dos professores teosóficos diz: ‘... deve começar com nossas relações com os outros e entre nós.’⁽³⁾ E como diz um dos professores de H.P. Blavatsky, agora em minhas próprias palavras: nada faz sentido para nós a menos que seja moral, a menos que contribua para o crescimento e o bem-estar da humanidade.⁽⁴⁾

Nossa responsabilidade na prática

Agora, o que esse ‘*eu sou porque nós somos*’ significa na prática? Como interagimos com nosso ambiente e circunstâncias? Em resumo, trata-se de cumprir nossa tarefa na vida e *desenvolver e usar cada vez mais nossos talentos a serviço do todo, para a unidade*, a partir da percepção de que somos esse todo, essa unidade.

Gostaríamos de citar neste momento alguns exemplos que se aplicam à nossa sociedade atual. Estamos vivendo atualmente em uma fase de inquietação, há guerra em várias partes do mundo, há agitação, algumas pessoas estão se opondo a grupos de outras pessoas de outras origens culturais, a unidade da humanidade foi perdida de vista.

Mas, felizmente, sempre há aqueles que se concentram em promover ou restaurar a harmonia, ou curar a sociedade, pode-se dizer. Eles já são mais avançados e já procedem da unidade em seus pensamentos e ações.

Considerando a humanidade como uma unidade, em princípio, todo ser humano está envolvido em todos os conflitos do mundo. Somos todos cidadãos do mundo e podemos ter um impacto sobre o pensamento da humanidade, mesmo que vivamos do outro lado do globo.

Trata-se de se elevar acima das partes opostas em situações desarmonicas, por exemplo, no caso de um país ocupado. E discutir se uma solução justa pode ser encontrada para ambas as partes, sabendo que ambas estão e permanecem conectadas nessa unidade.

Outro exemplo de ‘*eu sou porque nós somos*’ na prática é como ajudar alguém que se sente solitário, incompreendido ou abandonado, por exemplo. Nesse caso, você está lidando com alguém que está lutando contra a desarmonia em si mesmo e que, nesse momento, não consegue se conectar com a ‘parte mais elevada’ em si mesmo. O aprendizado, a ‘parte intermediária’ nele, deixou de confiar em si mesmo porque se esqueceu de sua parte imperecível e espiritual ou está confuso quanto à sua presença. Essa pessoa supõe que essa ‘parte mais elevada’ não existe (mais), ou ainda não conseguiu basear sua confiança (novamente) nela ao pensar e agir. Especialmente em situações difíceis em seu caminho de vida, como quando ela acha que está se aproximando de alguém com a melhor das intenções, mas, de alguma forma, não consegue se conectar ou até mesmo encontra resistência. Ele ficou preso na ilusão de que está separado dos outros e que precisa resolver tudo sozinho e sobreviver por conta própria. Influenciado por essa ilusão, seu pensamento e suas ações, portanto, muitas vezes se restringem e se limitam a seus próprios interesses, ao que parece ajudar e beneficiar a si mesmo no curto prazo.

Como podemos ajudar as pessoas em tais situações? A partir da *compreensão dessa situação*, nesse caso, você pode ajudar a restabelecer a conexão com a natureza interior e ajudar a experimentar a unidade novamente. Esse é, obviamente, um processo gradual. O simples fato de mostrar continuamente que você aprecia a presença da outra pessoa já é uma abertura para a conexão. E cada pequeno passo que uma pessoa pode dar como colaborador ativo de seu ambiente, como aceitar um pacote para um vizinho, cuidar de uma planta, cuidar de um animal de estimação, representa uma conexão com a unidade.

Outro exemplo é a discussão em nossa sociedade sobre a ideia de ‘vida completa’, principalmente entre os idosos. A pesquisa mostrou que um bom número de idosos, que inicialmente achavam que suas vidas estavam ‘completas’, mudaram de ideia depois de se conscientizarem do contexto dessa ideia de ‘vida completa’, ou seja, que o que eles realmente queriam era continuar a contribuir para a sociedade e participar; de coração e alma, com base em seus ideais (redescobertos). E isso é possível em todas as circunstâncias.

O processo de cura de um homem desarmônico – ou melhor ainda, de toda a humanidade desarmônica – consiste em transformar esse pensamento de desconfiança em si mesmo em percepção e confiança na Unidade da Vida, na Natureza Superior de cada um de nós, o impessoal, que é parte inseparável de toda a Vida Universal. Que de fato percebamos e internalizemos conscientemente a afirmação ‘*Eu sou porque nós somos*’.

Esse é o grande desafio que enfrentamos juntos: *transformar a desarmonia em uma harmonia dinâmica*. Uma harmonia que ofereça espaço para a contribuição e o crescimento de todos e que permaneça em constante movimento, que seja dinâmica.

Principais ideias

Por fim, os principais pensamentos das três palestras em poucas palavras:

- Na primeira palestra, dissemos que, como seres humanos, somos essencialmente centelhas da eternidade, com infinitas habilidades de expressão.
- Na segunda palestra, dissemos que, como seres humanos em nossa jornada evolutiva infinita, estamos no processo de expressar nossa capacidade de pensar. Com esse pensamento, desenvolvemos a autoconsciência e a capacidade de direcionar de forma independente nosso pensamento e, portanto, nossa vida.

- E, finalmente, nesta palestra, nos debruçamos sobre o ideal do ser humano universal, o ser humano que estamos nos tornando, cuja principal característica é o senso de unidade no pensamento e na ação.

Podemos tentar ser esse ser humano já agora, vendo que nosso ambiente é exatamente o ambiente que desejamos para nós mesmos de acordo com o karma e a reencarnação, que somos verdadeiramente um com esse ambiente e que podemos cumprir uma função nele, e tentando viver a partir desse pensamento-chave da filosofia Ubuntu:

‘Eu sou, porque nós somos’.

E o que isso significa para nós mesmos em um sentido prático, como lidamos com nosso ambiente e nossas circunstâncias, é o que estaremos trocando entre nós no workshop intitulado: ‘Cure a sociedade, cure a si mesmo!’

Referências

1. Joop Smits, ‘Ubuntu – ‘Eu existo porque nós existimos’’. Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, nr. 2, junho 2021, p. 58-67.
2. W.Q. Judge, ‘The Synthesis of Occult Science’, (A síntese da ciência oculta). Artigo em: *Echoes of the Orient (Ecos do Oriente)*. Volume 1. San Diego, Califórnia, Point Loma Publications, 1975, p. 192-203 (p. 207-218 edição de 2009).
3. Citação de W. Q. Judge em: G. de Purucker, *Esoteric Teachings’, (Ensinos Esotéricos)*. Volume 1. *The Esoteric Path: its nature and its tests (O Caminho Esotérico: sua natureza e seus testes)*. Haia, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 75.
4. Primeira carta de K.H. para A.O. Hume, de 1º de novembro de 1880. Em: *Cartas do Mahatma para A.P. Sinnett, em seqüência cronológica*. Quezon City, Filipinas, The Theosophical Publishing House, 1993, p. 471-476.



Onde estamos em casa?

Um exemplo inspirador de uma sociedade em que as pessoas se sentem ‘em casa’ espiritual, mental e fisicamente

A migração é um tópico que está muito presente nos noticiários atualmente. Por todos os tipos de motivos, as pessoas estão buscando uma vida melhor em outro lugar. Uma pergunta que você pode fazer a esse respeito é: onde uma pessoa realmente se sente em casa?

Vamos começar com uma citação de Gottfried de Purucker, o quarto líder da Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL):

‘Uma das ideias fundamentais da sabedoria primordial da humanidade é que o Homem e o Universo são essencialmente um só. Essa ideia é a própria pedra fundamental do Templo da Sabedoria Antiga. Se você a entender, se a sentir, se a compreender, toda a sua vida mudará, toda a sua visão da existência será radicalmente alterada. Então, você se reconhece como um com tudo o que existe, um participante, no tempo, de tudo o que o Universo tem e é, caminhando em direção a um destino tão sublime que os maiores esforços imaginativos da humanidade não podem, no momento, esboçar nem mesmo um esboço fragmentário do que o futuro distante nos reserva. Esse destino é simplesmente o desdobramento, à medida que a evolução prossegue – e desdobramento é o que a evolução

realmente significa – do interior para se tornar o exterior, a revelação do que está trancado dentro de nós, não apenas no homem, mas na própria Mãe Natureza. É a Mãe Natureza e seus alcances divinos, espirituais, psicológicos, etéreos e físicos que são o nosso Lar Universal – um Lar que é Universal porque está em toda parte.’⁽¹⁾

Em casa no universo

Nós, seres humanos, somos essencialmente seres espirituais, em casa no Universo. O fato de ainda não vivenciarmos isso diariamente é porque somos seres compostos e ainda não vivemos na parte espiritual mais elevada de nosso composto. Essa composição é formada, grosso modo, por uma parte espiritual imperecível, uma parte mental de aprendizado e uma parte veicular perecível. Atualmente, estamos aprendendo a expressar nossa essência espiritual com a parte mental, a parte pensante. No plano mental, a parte pensante, somos capazes de nos identificar com nossa parte

Pensamentos-chave

- » Os seres humanos são essencialmente seres espirituais, em casa no universo.
- » Estamos em casa onde consideramos que estão nossas casas.
- » A sociedade dos Pés-Pretos é um exemplo inspirador de uma sociedade na qual as pessoas se sentem ‘em casa’ espiritual, mental e fisicamente.

espiritual, por um lado, e com nossa parte veicular, por outro. Como ainda estamos desenvolvendo a parte mental, geralmente ainda oscilamos com nosso pensamento entre a parte espiritual e a veicular.

Se, por meio de nosso pensamento, nos identificarmos com a parte veicular, então nosso foco estará na vida externa transitória, incluindo o local físico onde nossa casa está localizada. Se identificarmos nosso pensamento mais com a parte espiritual, então nosso verdadeiro lar é o Universo como um todo, como De Purucker descreveu de forma tão bela acima. Nosso planeta Terra, esta esfera externa, é para nós, peregrinos cósmicos espirituais, apenas uma estação de passagem temporária, onde aprendemos certas lições que podemos levar para a eternidade.

A nossa posição em casa é relativa

Nós nos sentimos em casa no lugar com o qual nos identificamos, o que chamamos de 'nosso mundo'. Para alguns, isso não vai muito além de seu próprio bairro ou vilarejo; para outros, é uma cidade, região ou país. Há também muitas pessoas que são menos apegadas a um lugar externo, e é mais provável que se identifiquem como cidadãos do mundo ou apenas 'seres humanos'. Em geral, elas se identificam com a parte mental em si mesmas que não está ligada a um local específico.

Onde estamos em casa: espiritualmente, mentalmente e fisicamente

Se presumirmos que as pessoas se identificam com sua parte mental, então podemos subdividir a parte mental novamente em três partes. Podemos então observar onde as pessoas se sentem em casa em termos de *pensamento* espiritual, intelectual e físico.

Em termos de pensamento espiritual, podemos dizer que estamos em casa, onde podemos construir de forma independente uma visão da vida e viver de acordo com nossa percepção e consciência mais elevadas. Todo ser humano construiu sua percepção e consciência até certo ponto. Porque, espiritualmente falando, não somos uma folha em branco quando nascemos em algum lugar. Já aprendemos muitas lições em vidas anteriores e, após o período de descanso entre as vidas, retomamos o fio da meada para nos desenvolvermos ainda mais em conexão com os outros. Se nos unirmos mais com nossa parte espiritual, perceberemos que estamos constantemente conectados com o todo ou até mesmo que somos um com ele.

Intelectualmente, então, expressaremos essa unidade e conexão em nossos pensamentos e ações. Nosso pensamento e nossas ações são coloridos por um senso de unidade, por compaixão. Isso significa que queremos contribuir com todos os nossos talentos e possibilidades para o todo.



Que queremos cumprir uma função ou uma responsabilidade para o benefício do todo. Queremos ter um propósito, e isso é muito mais do que uma questão de trabalho remunerado. Trata-se de ser capaz de cumprir nosso dever para com o todo. E embora esse trabalho possa ser algo material: cultivar alimentos no campo, construir casas ou confeccionar roupas, é principalmente a nossa mentalidade que determina a qualidade do trabalho e se podemos realizá-lo bem. Ser capaz de oferecer algo que o todo precisa ou que ajudará ainda mais é o que dá às pessoas a verdadeira satisfação em seu trabalho e o que faz com que elas se sintam mentalmente à vontade na sociedade também.⁽²⁾

Em um nível físico, precisamos de um meio de vida seguro para continuarmos a nos sentir em casa em algum lugar. Mas, na verdade, isso é muito mais resultado do trabalho que realizamos. Quando a compensação pelo trabalho não é suficiente para garantir a segurança do sustento, procuraremos outro trabalho ou outro lugar onde possamos obter segurança de sustento com nosso trabalho. Além disso, é claro, há certas circunstâncias kármicas que podem nos forçar a buscar nossa segurança de subsistência em outro lugar: pense em guerra, desastres naturais, fome, epidemias ou um certo desenvolvimento na mentalidade de seu país.

Muitas pessoas espiritualmente deslocadas

Infelizmente, muitas pessoas tendem a se identificar com a parte veicular de seu pensamento, cujo foco está na vida transitória externa. Elas não conhecem a parte espiritual em si mesmas, ou quase não têm consciência dela. Portanto, não reconhecem a unidade de toda a vida e pensam em si mesmas como solitárias isoladas que precisam sobreviver na corrida dos ratos. O mundo exterior é uma ameaça constante. Interiormente, elas não se sentem em casa em lugar algum e, de certa forma, estão espiritualmente deslocadas. A falta de reconhecimento da unidade e da conexão pode se traduzir em uma mentalidade de ‘cada um por si’. O foco do trabalho deixa de ser a contribuição dos talentos e habilidades de cada um para o avanço do todo, mas sim a satisfação das próprias necessidades pessoais. Isso leva à competição no local de trabalho pelo cargo mais alto e pelo melhor salário.

A posse de material se torna um fim em si mesmo, algo para obter status, para se distinguir. Sem perceber que nunca poderão preencher um vazio interior com matéria, eles ficam presos em um desejo por mais. Devido a essa mentalidade, acabam extraindo valor da sociedade também na esfera física, em detrimento de outros que precisam mais. Essa desigualdade também é vista em grande escala entre

os países e está aumentando. Tanto é assim que algumas pessoas dificilmente conseguem construir um meio de vida em seu próprio país e são forçadas a migrar.

Enquanto isso, a pobreza espiritual de outros se degenera em xenofobia. Sua ênfase em sua própria nacionalidade é, de certa forma, uma afirmação de que eles não se sentem em casa no mundo.

Quão diferente seria se você crescesse em uma cultura em que estar espiritualmente em casa é a base de sua existência?

As lições dos Pés-Preto

Observando as três esferas do pensamento, espiritual, intelectual e física, o ideal é que a ‘necessidade’ espiritual tenha precedência sobre a mental e a física. De fato, essa também é uma ideia muito antiga, como o famoso psicólogo americano Abraham Maslow experimentou quando passou seis semanas com a tribo indígena norte-americana Pés-Preto.⁽³⁾ Os Pés-Preto presumiam que todo ser humano vinha ao mundo irradiado com uma centelha *divina*, uma ideia muito teosófica. Por isso, tratavam as crianças quase como iguais, davam-lhes responsabilidades desde cedo e a chance de participar quase imediatamente.

Além disso, eles colocaram o desenvolvimento da comunidade, a conexão com os outros, no centro. Ao fazer isso, eles viam a provisão de todas as necessidades básicas – alimento, abrigo, segurança e assim por diante – como uma responsabilidade da comunidade e não como uma responsabilidade individual. O mais próspero era aquele que podia doar mais. Maslow descreveu uma cerimônia na qual todos os bens ou itens coletados no último ano eram reunidos e distribuídos para aqueles que mais precisavam. Consequentemente, eles não conheciam nenhuma palavra para pobreza. Considerava-se como certo que todos tinham um meio de subsistência.

Por fim, os Pés-Preto se concentraram na preservação cultural com o objetivo de transmitir a sabedoria. A tomada de decisões envolvia a perspectiva de sete gerações. Os anciãos tinham um papel importante nisso. Eles contribuíam com suas percepções, mas mais por meio de inspiração do que de coerção. Todas as decisões foram tomadas em consenso com a contribuição de todas as gerações.

Essa mentalidade de viver juntos permitiu que cada membro dos Pés-Preto se sentisse ‘em casa’ em todos os três níveis – espiritual, mental e físico, também nessa ordem.

A migração é um fato natural da vida

O fato de podermos nos sentir em casa em qualquer lugar não significa necessariamente que as pessoas deixarão de

viajar ou migrar. A tribo Pés-Pretos também era uma tribo migratória que, segundo os historiadores, nem sempre lidava pacificamente com outras tribos.

Observando o processo evolutivo do homem e da humanidade com uma visão impessoal, vemos que a migração é uma consequência natural do desenvolvimento do pensamento humano, tanto individual quanto em grupos. Devido ao nosso desejo de crescimento interior, que todo ser humano carrega dentro de si, começamos a procurar um lugar que ofereça desenvolvimento ou que seja seguro o suficiente para nos desenvolvermos como indivíduos e como comunidade.

Essa busca, que de forma alguma precisa cruzar fronteiras nacionais, sempre ocorrerá. Ao longo de sua história, a humanidade tem viajado, sempre explorando áreas desconhecidas para ela. Os grandes mestres mundiais viajaram para divulgar sua mensagem às pessoas e inspiraram seus discípulos a imitar seu exemplo. Graças às rotas comerciais globais, houve intercâmbio cultural e polinização cruzada. As expedições sempre podiam contar com grande interesse geral e os exploradores eram tidos em alta estima.⁽⁴⁾

As migrações são uma parte natural do processo de desenvolvimento humano. Todos nós buscamos um ambiente de qualidade espiritual, mental e física, que corresponda ao nosso impulso interior de aprender mais e se desenvolver mais, onde nos sintamos em casa. Estamos sempre procurando aqueles amigos, aquelas famílias, aqueles ambientes de vida que são apropriados e desafiadores para nós: onde nos sentimos em casa e que nos incentivam a desenvolver, trazer à tona e transmitir o que há de melhor e mais elevado em nós.

Naturalmente, de uma perspectiva espiritual

É claro que agora vivemos em uma sociedade diferente daquela dos Pés-Pretos, mas seria bom pensar em como conseguiríamos fazer com que *todos* os membros de nossa sociedade, da humanidade, se sentissem em casa. Entretanto, não se trata de copiar hábitos ou regras. Em vez disso, começa com uma visão espiritual de unidade e conexão, uma visão do homem como um raio divino, uma visão de estar em casa no Universo. Essa é a visão mais universal encontrada em todos os países e culturas. É a visão mais inclusiva que continua a unir as pessoas.

Se vivêssemos a partir da percepção de que somos espiritualmente unos, bons serviços sociais coletivos seriam óbvios. Não discutiríamos mais sobre bons cuidados, educação, moradia e renda para todos – que sabemos que beneficiarão nossa sociedade –, mas cuidaríamos dessas

coisas juntos. A partir de um senso de unidade, quem tiver mais recursos materiais se sentirá responsável por compartilhá-los com os outros. Juntos, podemos suprir amplamente as necessidades básicas de todos. Ninguém precisa se preocupar ou temer que os outros o abandonem.

O senso espiritual de unidade se traduzirá mentalmente em um senso de comunidade muito mais inclusivo e estrutural. A comunidade na qual você pode se sentir em casa não será baseada em características externas limitadas, como cor da pele ou vestimenta, ou em coisas ilusórias como nome, status, classe ou fé. Há a convicção de que cada pessoa tem capacidades divinas e pode fazer uma contribuição única para o todo. Seria considerado um fracasso coletivo se uma pessoa não se sentisse à vontade na comunidade. As pessoas estão sempre prontas para ajudar e ensinar umas às outras. A sabedoria está lá para ser transmitida. Assim, onde quer que as pessoas vão, elas podem aprender a encontrar seu lar interior imperecível e estar em casa em qualquer lugar deste mundo exterior.

Referências

1. G. de Purucker, *'Esoteric Teachings', (Ensinos Esotéricos)*, Volume 12. Haia, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 19.
2. Erwin Bomas, 'Como encontrar seu trabalho?' Artigo em: *Lúcifer – O Portador da Luz*, número 3, dezembro de 2023, p. 90. (Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2023-3.pdf).
3. Fonte: GatherFor.Medium.com, 4 de abril de 2021 (Fonte: <https://gatherfor.medium.com/maslow-got-it-wrong-ae45d6217a8c>).
4. Erwin Bomas, 'Por que viajamos?'. Artigo em: *Lúcifer – O Portador da Luz*, número 1, janeiro de 2025, p. 24-29. (Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2025-1.pdf).

Pensamentos-chave

» A Teosofia conhece apenas o espírito; a matéria é o espírito em um estado inferior de expressão.

» No ESPAÇO ilimitado, surgem universos cíclicos, compostos de massas de mônadas.

» Uma mônada é um centro de consciência divino-espiritual, indivisível e essencialmente ilimitado.

» Cada ponto em um universo é uma mônada.

» As mônadas dão origem a mônadas menos desenvolvidas por meio da cooperação. Assim, surge uma hierarquia de consciência.

» O ser humano é um ser composto de um número infinito de mônadas em diferentes graus de desenvolvimento.

» Quando a palavra 'moanda' é precedida por um adjetivo (como animal, humano ou divino), significa que essa mônada se expressa nessa área da consciência.

» A doutrina das mônadas foi ensinada por Pitágoras e, mais tarde, foi adotada de forma ligeiramente modificada por Leibniz e outros filósofos ocidentais.

» Uma mônada é representada como um peregrino, mas, na verdade, o peregrino é o raio (a emanção) que emana da mônada encerrada em um grupo de mônadas, que são, portanto, consciência refletida e são chamadas de egos. O grupo inteiro se transforma em consciência cósmica.

O mistério da mônada

Por milhares de anos, muitos Instrutores tentaram transmitir uma importante sabedoria de vida. Essa sabedoria ainda está, muitas vezes, além da humanidade que a recebe naquela época, assim como hoje. Como tornar claro algo que o homem não tem compreensão, nem mesmo um vago entendimento?

Os Instrutores descreveram os mistérios de nossa consciência por meio de *adumbração*, como De Purucker chama em sua *Tradição Esotérica*.⁽¹⁾ O que significa que, em um rascunho, em um esboço vago, é dada uma visão geral. Isso está totalmente de acordo com a verdade, mas é colocado em palavras e imagens simples e compreensíveis. O desafio que qualquer professor ou pai enfrenta é ensinar algo de forma ponderada e em pequenos passos.

Assim é o assunto deste artigo: a mônada e *como o Um se torna* (ou *parece se tornar*) *os muitos*. O grande desafio para o destinatário é trabalhar com esse esboço, com esse rascunho, para entendê-lo sem lhe dar um caráter absoluto, o que geralmente deu errado nos últimos milhares de anos.

O tema da mônada é um dos tópicos mais abstratos, mais básicos e inspiradores da Theosophia. Ele trata do Um, a Unidade Essencial de tudo o que existe.

O conceito de mônada não pode ser separado das ideias de unidade e infinito. Se você pensar com cuidado, ele fornece muitas respostas para as perguntas da vida.

Grandes pensadores refletiram sobre essa Unidade. O conceito de mônada é, portanto, encontrado em todos os tipos de culturas, religiões e filosofias, embora às vezes seja expresso em termos diferentes.

Princípio Sem Limites

Para entender o que é uma mônada, vamos primeiro a algo ainda mais abstrato e ainda mais fundamental,

sem o qual a ideia de mônada não pode ser entendida. Estamos nos referindo à Ilimitabilidade.

No prólogo de *A Doutrina Secreta*, H.P. Blavatsky apresenta três Proposições Fundamentais.⁽²⁾ A primeira diz o seguinte:

Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...)

Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.

Embora seja inspirador pensar na Ilimitabilidade, nunca poderemos compreendê-la totalmente. No entanto,

As mônadas são eternas, unitárias, individuais, centros de vida, centros de consciência, imortais, durante qualquer Manvantara Solar, portanto, sem idade, sem nascimento, sem morte.

Consequentemente, cada uma delas – e seu número é infinito – é o centro do Todo, pois o Divino ou o Todo é aquilo que tem seu centro em toda parte e sua circunferência ou limite em lugar nenhum.⁽³⁾

podemos ter uma ideia, se percebermos que, nessa Totalidade completamente abstrata, os universos aparecem e desaparecem constantemente. Pense na Infinitude como um Oceano infinito de Seres. Nele, um vórtice está surgindo. Nenhuma gota de água é adicionada a esse oceano, nem se sai dele. Entretanto, há um movimento no Ser Sem Limites. Dentro desse vórtice, surgem vórtices menores. Novamente, nada muda na quantidade de ‘gotas de água’ nesse Oceano. Há algum tipo de compactação, como um iceberg no mar. Esse iceberg também não acrescenta nada.

Vórtices em vórtices

O surgimento de um vórtice nesse Oceano do Ser acontece ciclicamente. Essa é a segunda Proposição Fundamental de *A Doutrina Secreta*, que fala sobre o surgimento e o desaparecimento de universos. Podemos comparar um universo a esse vórtice. Ele surge e, depois de algum tempo, é totalmente absorvido novamente pelo Oceano, do qual, é claro, nunca foi separado.

Como mencionado acima, nesse vórtice há vórtices menores. Isso significa que quando um universo aparece, inúmeros ‘universos’ menores também aparecem.

Diz-se na literatura teosófica que o Um – o primeiro ‘vórtice’ – gera os muitos. Isso, porém, é uma metáfora. Nada entra no Oceano do Ser. A atividade do surgimento de um universo é acompanhada por todos os tipos de atividade dentro dele, vórtices menores, e esses, por sua vez, colocam em movimento inúmeras ‘gotas de água’. Imagine essas ‘gotas de água’ em infinitas variações, em diferentes graus de desenvolvimento e cooperando umas com as outras. O trabalho conjunto de todas essas ‘gotas de água’ é o que nos ensina a terceira Proposição Fundamental de *A Doutrina Secreta*. Todas elas são criadas – ou seja, ‘ativadas’ ou ‘colocadas em movimento’, pelo primeiro vórtice. Depois, formam certos padrões – leis – que se repetem em todo o vórtice.

Esse vórtice no Oceano do Ser, os vórtices menores no primeiro vórtice, sim, as inúmeras gotas, são mônadas. Portanto, toda a vida, todo ser no universo é essencialmente uma mônada.

Não criado

Portanto, a primeira coisa que podemos dizer sobre as mônadas é que elas sempre estiveram presentes. Elas sempre fizeram parte do Oceano do SER. São focos de vida, o núcleo imperecível de um ser individual. Estamos acostumados com o dogmatismo cristão que sustenta que todo ser humano recebe uma alma criada por Deus ao nascer. A ciência materialista também pressupõe um início: diz-se que o óvulo fertilizado é o início da vida humana.

Por outro lado, a antiga Filosofia Esotérica rejeita a ideia de que qualquer coisa possa ter começado em um sentido absoluto. Pode haver inícios *relativos*, mas uma mônada em si não foi criada, não foi formada ou não passou a existir de nenhuma outra forma. A mônada sempre existiu. E como a eternidade e o infinito não podem ter começo nem fim, uma mônada também sempre estará presente.

Portanto, a primeira coisa que podemos dizer de uma mônada é que ela é um ser espiritual essencialmente ilimitado; um ser que existiu, existe e sempre existirá.

Indivisível

Como devemos imaginar essa mônada incriada? O que mais há a dizer sobre isso?

Vejamos de onde vem a palavra ‘mônada’. Ela é derivada do grego antigo μονάς, *monas*. Essa palavra significa ‘unidade’. E monas, por sua vez, é derivada de μόνος (*monos*), que significa uma unidade, indivíduo, átomo. Portanto, às vezes mônada é traduzido como ‘único’, ou ‘unidade indivisível’. Nesse último sentido, é um sinônimo de ‘indivíduo’ (latim: *individuum*), que também significa indivisível.

Essa indivisibilidade nos leva a pensar. Afinal de contas, tudo o que conhecemos é divisível. Até mesmo o átomo, que a princípio se pensava ser indivisível, acaba sendo composto de partículas menores, pacotes de energia.

No campo da consciência, o campo manifestado, tudo o que conhecemos também é divisível. Nossa consciência também é composta. Podemos *dividi-la* em vários estados. Qualquer pessoa que se observe com um pouco mais do que um olhar superficial sabe que tem dentro de si diferentes aspectos da consciência, diferentes propriedades, tais como: sentimentos, desejo, o intelecto, a capacidade de compreender.

Em suma, em nosso mundo exterior, não conhecemos nada que seja indivisível.

Nosso mundo é caracterizado pela diversidade: não apenas entre humanos e entre humanos e animais, mas, como mencionado, também há diversidade em um único ser humano. Há aspectos materiais, como o corpo físico. Há aspectos espirituais, como a consciência da conexão e da unidade de toda a vida. Em suma, há aspectos espirituais e materiais.

Na mônada, entretanto, o espírito e a substância são um só. Assim, você deve perceber que a substância é, de fato, espírito em uma forma inferior de expressão. Uma mônada não conhece dualidade; ela é homogênea. Ela é o *Um*. É indivisível. Se algo é indivisível, aparentemente pertence a um mundo diferente daquele que conhecemos.

De fato, uma mônada existe para nós – ou seja, é observável – somente quando se conecta e entra em cooperação com outra coisa. Ou, mais precisamente, quando ‘rola’ algo a partir de si mesma, emana algo, desenvolve algo a partir de si mesma, o que de fato tem uma propriedade ou característica que podemos discernir. Para entender um pouco isso, você poderia imaginar um aroma muito rarefeito, tão etéreo, que aparece em nosso campo de percepção somente quando é limitado por um véu ou concha. Esse véu ou concha vem da própria mônada. É o princípio espiritual *Buddhi*. Por mais exaltado que *Buddhi*, o princípio da iluminação, seja, você pode atribuir qualidades (muito exaltadas) a ele. *Buddhi* é a realização da inseparabilidade de todas as coisas; a compreensão de que nada é separado. *Buddhi* tem essa característica, tem propriedades. A mônada não tem isso. Portanto, se a mônada não desenvolveu *Buddhi* por si mesma, ela é tão abstrata para nós que está além de nossa capacidade de conhecer. Portanto, a Sra. Blavatsky responde a uma pergunta de um estudante que, *para nós*, a mônada não é *Ātman* (o ‘SELF’, o princípio relativamente mais elevado no homem), mas *Buddhi*.⁽⁴⁾

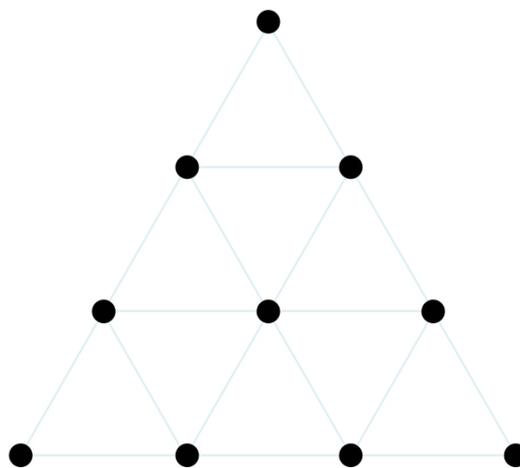
No entanto, por mais abstrata que seja, uma mônada não está separada de nosso mundo. Ela é a base primordial dele.

Pitágoras: sobre como o Um se torna os Muitos

Parece que o sábio grego Pitágoras foi o primeiro a usar a palavra ‘mônada’. Seus seguidores, os pitagóricos, desenvolveram toda uma cosmologia baseada nesse conceito. A origem do cosmos teve sua origem na mônada, pois ela foi, segundo eles, a primeira coisa a surgir. A mônada era, portanto, a base primordial de tudo o que existe.

De fato, da mônada surgiu a díade (a dualidade), da qual surgiram todas as vibrações ou números. Todos esses números representavam linhas ou corpos. Assim, do Um surgiu a diversidade.

Esse ensinamento tomou forma simbólica no famoso triângulo pitagórico, também chamado de *Tetractys*. Esse triângulo consiste em dez pontos. O topo é a mônada, o um. Desse ponto flui o díade (o dois) e assim por diante. Os ‘pontos’ que fluem da mônada são, por sua vez, mônadas. Mais tarde, explicaremos melhor esse *processo de emanação* – o fluxo e a atração da vida de um para o outro. A propósito,



o Tetractys contém muito mais conhecimento esotérico, mas isso não cabe neste artigo.

Para entender os ensinamentos de Pitágoras, é necessário perceber que esse sábio grego ensinou que tudo é número. H.P. Blavatsky fala de movimento nesse contexto. Isso parece curioso, mas pode se tornar mais compreensível se você perceber que vibração é número. E tudo o que existe não é uma vibração? A vibração pode ser expressa em números. Todo ser é uma determinada vibração e, portanto, um determinado número. Compare isso com os tons em nosso sistema musical. Ou considere o exemplo do vórtice, em que apenas o movimento das partículas de água constrói o fenômeno.

Portanto, quando Pitágoras diz que todos os números surgiram da mônada – o UNO – ele quer dizer que tudo o que existe tem sua origem na mônada. Portanto, a mônada indivisível é a base da variedade da vida. A nota principal produz uma variedade infinita de tons. Ou, como diz Iamblichus, um filósofo neoplatônico do século II: a mônada é a fonte não espacial de todos os números; (...) o início, o meio e o fim de todas as coisas.⁽⁵⁾

O conceito de não espacial deve nos dar o que pensar, embora seja muito difícil, se não impossível, imaginar algo que não ocupe espaço. Se uma mônada é não espacial, isso significa que ela não ocupa nenhum local ou posição. Tudo o que conhecemos, do átomo à estrela, ocupa um determinado lugar, embora, no caso das partículas atômicas, seja muito difícil determinar exatamente que lugar elas ocupam. A mônada, por outro lado, não pode ser localizada. Ela escapa ao nosso quadro de referência.

Portanto, para nós, é uma abstração. Portanto, ela é descrita como um ponto matemático de consciência: a circunferência não está em lugar algum e o centro está em toda parte. Em outras palavras, *uma mônada é essencialmente ilimitada, não conhece limitações, não tem tamanho e não ocupa lugar.*

Unidade essencial

A representação pitagórica de uma mônada certamente não é única na literatura religiosa e filosófica mundial. Pelo contrário. Encontramos essa doutrina em toda parte, embora muitas vezes expressa de forma diferente. O *Tao Teh Ching* afirma: do um surgem os dois, dos dois os três, dos três as dez mil coisas. Platão e Plotino falam do Um, do qual brota a multiplicidade da vida manifestada. Plotino, em particular, baseia toda a sua filosofia no Um. Nos *Upanishads* da Índia, você vê o mesmo quadro, embora o Um lá seja chamado de Brahman.

Agora, palavras como Brahman e o Um, ou a Fonte, facilmente evocam a imagem de um local específico: um lugar no espaço a partir do qual a vida flui. E essa é uma imagem falsa. Como já foi dito, a mônada não ocupa um lugar, e a vida que flui dela é igualmente composta de mônadas.

Aqui abordamos um aspecto essencial da doutrina monádica, a saber, que uma mônada é a fonte de tudo em um universo, enquanto tudo nesse universo é igualmente uma mônada. H.P. Blavatsky considera esse ponto tão importante que diz: 'Aqueles que não conseguem perceber a diferença entre a mônada – a Unidade Universal – e as *Mônadas* ou a Unidade manifestada, (...), nunca devem se intrometer na filosofia, muito menos nas Ciências Esotéricas'⁽⁶⁾

Em outras palavras, há uma mônada suprema em um universo: a fonte da qual outras mônadas - que são cópias da primeira – surgem. A primeira mônada está oculta, habitando a escuridão imensurável do imanifesto, enquanto as mônadas subsequentes, em suas vestimentas egóicas, peregrinam pelos muitos reinos manifestados. (Mais sobre essa peregrinação adiante).

De qualquer forma, podemos dizer que, de acordo com a Filosofia Esotérica, tudo o que existe, em seu fundo mais profundo, em seu núcleo mais profundo, tem uma mônada. Melhor dizendo: tudo o que existe, toda entidade é uma mônada. Portanto, você pode dizer que cada ponto em um universo – não importa o tamanho que você imagine que esse universo tenha – representa uma mônada. Ao fazer isso, você não deve pensar em um universo como consistindo apenas da matéria que podemos ver ou perceber de outra forma. Um universo consiste em muitos mundos que diferem em grau etérico. E todos esses mundos são formados e compostos por mônadas. É por isso que as mônadas também são chamadas de *átomos cósmicos*; elas constroem, formam e são os infinitos números de mundos e universos no ESPAÇO sem limites. Mais tarde, falaremos mais sobre esse ESPAÇO.

Leibniz

Existem inúmeros seres, inúmeros fenômenos, de todas as formas e tamanhos. Portanto, também deve haver inúmeras mônadas. Essa doutrina foi ensinada pelo filósofo ocidental e altamente intuitivo, Gottfried W. von Leibniz, (1646-1716) em seu livro mais importante, *A Monadologia*.⁽⁷⁾ Não se sabe de onde Leibniz tirou suas ideias. Alguns suspeitam que ele as tenha adotado de Giordano Bruno (1548-1600). Também é possível que ele tenha encontrado a doutrina da mônada entre os próprios pitagóricos.



Leibniz argumenta que tudo consiste em unidades de diferentes graus de consciência: mônadas. Segundo ele, há uma multidão inumerável de mônadas que permeiam o universo. Dentro dessa mônada há propriedades que determinam o passado, o presente e o futuro de cada coisa. As mônadas são autônomas, mas estão em constante interação com outras mônadas. Além disso, Leibniz distingue os *tipos* de mônadas: algumas estão em um estado sonhador e entorpecido, outras expressam um estado superior de consciência. Vemos claramente aqui uma divergência de pensamento em relação à Theosophia. Como será mostrado a seguir, a Theosophia fala de mônadas animais e humanas, por exemplo. Esses adjetivos mostram o que uma mônada expressa. Ela está em um determinado estágio de desenvolvimento baseado no karma, em suas causas auto-criadas.

No entanto, a importância de Leibniz para a filosofia ocidental é muito grande. De fato, o corolário de seus ensinamentos é que tudo o que existe é um ser vivo. Leibniz reconheceu a multiplicidade da vida, e essa multiplicidade estava enraizada ou emergiu do que Leibniz chamou de *Monas Monadum*, a Mônada Suprema ou Divina. Diz-se que a primeira mônada criou todas as outras mônadas. Essas mônadas são cópias ou reflexos dessa mônada universal. Nesse ponto, Leibniz não se afasta completamente da dogmática cristã, pois quase imediatamente surge a pergunta sobre a origem dessa Mônada Suprema.

Leibniz argumenta que a ordem de todas essas mônadas foi predeterminada por Deus, o que ele chama de *harmonia praestabilita* (harmonia predeterminada). Nosso mundo, composto por essas incontáveis mônadas, seria, portanto, segundo ele, o melhor mundo possível, algo que mais tarde foi ironicamente ridicularizado pelo grande filósofo francês Voltaire (1694-1778). A questão, entretanto, é se Voltaire entendeu Leibniz corretamente, pois esse filósofo, assim como Giordano Bruno, estavam muito à frente de seu tempo.

O ilimitado

Não podemos culpar Leibniz por ter recorrido ao deus cristão, criador, eterno e onipotente como um recurso para explicar como essas mônadas passaram a existir. Entretanto, essa ideia é uma incongruência filosófica, pois como é possível criar algo – no sentido de fazer algo a partir do nada – se você é eterno e infinito? O infinito implica logicamente que não há fins, nem limites, e se você cria algo que não existia antes, então obviamente havia um limite.

É precisamente a natureza incriada das mônadas que torna a doutrina das mônadas muito mais lógica e aceitável tanto para o coração quanto para a cabeça. No entanto, ainda resta a questão de como o cosmos poderia ser formado por esses inúmeros feixes de mônadas.

Mais de 150 anos depois de Leibniz, isso ficou mais claro com o surgimento de H.P. Blavatsky. No prólogo de sua obra-prima, *A Doutrina Secreta*, ela postula, na primeira Proposição Fundamental, que existe um PRINCÍPIO onipresente, eterno, ilimitado e imutável. Esse PRINCÍPIO não é um deus, não é um ser. Não há nada concreto a dizer sobre ele, porque não é algo; *não é nada em particular*. Portanto, ele não tem propriedades ou qualidades. É a causa sem causa de tudo o que existe. É o ESPAÇO ilimitado, abstrato e atemporal, que se estende em todas as direções. Não é *um* espaço, mas o ESPAÇO em si. Até mesmo uma palavra como ‘estendendo-se’ foi escolhida erroneamente, porque o ESPAÇO não se estende, mas simplesmente *é*. Tudo o que existe pertence a aquilo. Todo fenômeno, todo ser, tudo *é* AQUILO.

Universos que desaparecem e aparecem

Esse ESPAÇO Sem Limites, ensina a segunda Proposição Fundamental de *A Doutrina Secreta*, é periodicamente o campo dos universos que surgem e desaparecem. Esses universos podem ser imaginados tão vastos quanto sua consciência possa alcançar. Pense em aglomerados de galáxias ou, se achar que isso é incompreensível *demais*, pense em

sistemas solares: um sol com seus planetas. Ou pense em um planeta. Não importa. Desde que você perceba que cada um desses universos é a expressão de uma *mônada*. Portanto, essa mônada alterna períodos de atividade e passividade. Falamos de atividade quando um universo nesse ESPAÇO ilimitado se manifesta. E quando ele se retira do mundo dos fenômenos, falamos de repouso. Atividade e passividade, entretanto, são conceitos relativos. Como as mônadas se relacionam com o ESPAÇO ilimitado? Elas preenchem o ESPAÇO. Em um certo sentido, elas são o ESPAÇO.

Podemos entender isso se percebermos que todo universo é a expressão de uma mônada. De fato, um universo é um ser vivo. E todo ser é uma colaboração de mônadas, na qual há uma relação hierárquica. O topo é formado pela mônada mais altamente desenvolvida. Portanto, pode-se dizer com igual justificativa que cada mônada é um universo. Ou, talvez melhor expressando: o fundo mais profundo de um universo é uma mônada. Além disso, todo universo é composto de outros universos – também mônadas – como esperamos deixar claro mais adiante.

O processo de surgimento de um universo só pode ser expresso por meio de metáforas. Você pode comparar a Ausência de Limites a um fogo cósmico que queima eternamente. Cada mônada nessa comparação é uma faísca desse fogo. Quando essa faísca salta do fogo, o universo aparece. Embora essa comparação forneça uma imagem, que não é totalmente verdadeira, pois, na realidade, essa centelha nunca se desprende do fogo. Ela continua fazendo parte dele. É uma chama que é eternamente parte do fogo cósmico, embora esteja constantemente mudando e crescendo.

Antes disso, já comparamos o ilimitado com um Oceano e, assim que um vórtice surge nele, há a aparência de um universo. Perceba que nenhuma gota é separada do Oceano e, portanto, é tão ilimitada quanto o próprio Oceano. Sim, ele é essencialmente esse Oceano. Não pode haver duas infinidades. Portanto, se todo ser é uma mônada, então todo ser, em seu âmago, é a própria ilimitação.

Cooperação entre mônadas

No ESPAÇO, então, uma mônada, um universo, se manifesta. Mas essa mônada universal entra imediatamente em cooperação com inúmeras outras mônadas. Ela não poderia existir por si só. Portanto, podemos concordar plenamente com Leibniz quando ele fala da interação das mônadas. Esse pensamento é o cerne da terceira Proposição Fundamental de *A Doutrina Secreta*, que fala da

cooperação e das inter-relações, das leis entre todas as mônadas em um universo.

Vamos ilustrar isso com o exemplo de nosso sistema solar. Assim que a mônada solar se prepara para se manifestar – estamos falando do nascimento de uma estrela – ela forma um campo eletromagnético pelo qual inúmeras outras mônadas são atraídas. Pense nos planetas que pertencem a esse sol. Pense em todos os seres vivos que pertencem a um planeta, mas pense também nos átomos que compõem o corpo externo de um ser solar. Essa interação e atração entre todas essas mônadas tem a ver com uma similaridade de características, que atrai as mônadas umas às outras. Esse é o processo de emanação de que falamos anteriormente.

Difícil de imaginar? Aplique todo esse processo a um ser humano, uma mônada humana. Quando um ser humano nasce, ele atrai para si trilhões de células, todas elas com uma mônada como pano de fundo. Afinal, todas as células vivas e os átomos que compõem seu veículo são mônadas. Esses blocos de construção vivos do corpo pertencem ao homem. Eles têm uma característica correspondente. As mônadas nunca podem se manifestar como entidades isoladas. Elas sempre precisam de outras.

Portanto, todo universo é composto de mônadas. E, embora haja um número incontável para nossa compreensão, seu número *em um universo* é, no entanto, limitado. Novamente, tomemos nosso próprio corpo como exemplo. Não podemos conceber as vastas hostes de blocos de construção vivos – mônadas – que compõem nosso corpo, mas seu número é limitado. Ainda mais difícil é imaginar todas as mônadas em um sistema solar ou em uma galáxia, mas, novamente, seu número deve ser limitado. As galáxias e os sóis podem ser eternos para nossa percepção, mas eles também têm um começo e um fim. Somente quando falamos de ESPAÇO ilimitado é que estamos falando de infinito e sem limites, assim como de um número infinito de mônadas.

Mônadas em diferentes graus de desenvolvimento

Falamos acima sobre mônadas solares e mônadas humanas. Essa é, na verdade, uma forma errada de expressão. A rigor, deveríamos estar falando de uma mônada passando pela fase de expressão de ser humano, ou passando pela fase solar, e assim por diante. Definimos as mônadas como centros de consciência essencialmente ilimitada, mas qualquer ser manifestado, mesmo um sol, é limitado, não importa quão ampla seja sua consciência. Portanto, quando você lê na literatura teosófica sobre mônadas divinas,

espirituais, animais e vegetais, esses adjetivos não indicam a mônada *em si*, mas o estágio em que ela se encontra. Portanto, as mônadas são essencialmente idênticas umas às outras, mas em sua expressão elas diferem em grau de desenvolvimento.

Essa diferença no desenvolvimento permite que as mônadas se manifestem. Ou seja, as mônadas menos desenvolvidas funcionam como veículos para as mais desenvolvidas. Considere novamente o homem e seu corpo. A mônada humana pode entrar neste mundo material graças à cooperação com as inúmeras mônadas materiais que compõem seu corpo.

Agora usamos a palavra ‘manifestar’ por falta de uma palavra melhor, porque na verdade a mônada não se manifesta. Não pode. Ela é um ponto matemático de consciência, não ocupa espaço, e todo ser, não importa quão pequeno ou grande, ocupa um determinado espaço.

No processo de surgimento, uma mônada permanece em seu próprio território monádico, mas emite um raio. Esse raio forma um veículo, um corpo, ou, na verdade, deveríamos dizer corpos, que em si mesmos também são mônadas. Portanto, há uma cooperação maravilhosa. A mônada usa esses corpos por algum tempo, até que não precisa mais deles e os joga fora. Falamos então de morte. O corpo se desintegra em seus blocos de construção constituintes, os quais, a propósito, também são mônadas em sua essência. As mônadas em si, entretanto, não morrem. Elas não podem morrer. Como pode uma centelha da eternidade morrer? Apenas a cooperação entre as diferentes mônadas é interrompida por um determinado período de tempo.

As mônadas dão origem a outras mônadas

A conexão e a cooperação entre as mônadas, bem como o fato de que uma mônada projeta de si mesma um fluxo de consciência, significa que uma mônada dá origem a outras mônadas. É claro que essas outras mônadas não são *criadas*; afinal, elas sempre estiveram lá. Você poderia compará-la à semente que, quando se torna uma árvore, produz outras sementes. Ou a semente de uma flor que fica no fundo do solo e é germinada pelo sol na primavera e cresce até se tornar uma planta visível externamente. É esse processo de emanção que pode ser encontrado no Tetractys: o *um*, a partir de si mesmo, dá origem ao *dois*, deste surge o *três* e deste novamente o *quatro*, ou a variedade da vida externa. De uma mônada surge uma infinidade de outras mônadas, como os galhos de uma árvore. Cada uma dessas outras mônadas é, por sua vez, a fonte das mônadas.

Isso cria uma hierarquia de mônadas, idênticas em seu núcleo, mas em diferentes estágios de desenvolvimento. A mônada relativamente mais alta poderia ser chamada de mônada-mãe, da qual as mônadas-filhas derivam sua existência. Mas essas mônadas-filhas, por sua vez, dão origem a outras mônadas e, portanto, também são mônadas-mãe. Não entenda esse ‘dar origem’ literalmente. Pense nisso como um campo magnético criado pela mônada-mãe no qual as mônadas-filhas podem se manifestar.

Peregrinos

Cada mônada-filha pode, durante o longo, longo tempo em que a mônada relativamente mais elevada se manifesta – pense no vórtice no Oceano – ‘subir’ até o nível dessa mônada-mãe. Isso é representado como uma peregrinação. É por isso que, em *A Doutrina Secreta*, H.P. Blavatsky chama uma mônada de peregrina. Ela escreve:

‘Peregrino’ é o nome dado à nossa Mônada (o dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral — o Espírito Universal, do qual emana e no qual é absorvido no final do ciclo.⁽⁸⁾

Agora, quando pensamos em um peregrino, pensamos em uma pessoa que vai a um determinado lugar sagrado. Em um sentido figurativo, as mônadas-filhas fazem o mesmo. Elas estão em uma peregrinação até seus pais, a mônada que as ‘gerou’. Mas sempre acontece que, quando falamos sobre esses assuntos altamente espirituais e metafísicos, simplesmente não temos as palavras certas para tornar o pensamento claro. Portanto, a palavra ‘peregrino’ também merece alguma explicação.

Acho que a Sra. Blavatsky escolheu essa palavra porque ela expressa pictoricamente que nós, seres humanos, nas muitas vidas que já vivemos e nas muitas vidas que ainda viveremos, estamos nos tornando cada vez mais conscientes da unidade da vida. Cresceremos em consciência, estágio por estágio, evoluindo de uma forma para outra. Assim, nos conectaremos, sim, nos tornaremos um, com a mônada que ‘nos gerou’: nossa divindade interior.

Na realidade, porém, a mônada não é o peregrino. Como poderia ser? Uma mônada é um centro de consciência que é essencialmente ilimitado. É o raio que a mônada emitiu que está em uma peregrinação. Não é por isso que Blavatsky fala de ‘os dois em um’? Não é esse *Âtman* combinado com *Buddhi*? *Buddhi* é o dois, a projeção do um. E seguindo os ensinamentos de Pitágoras, o dois produzirá o três, depois

o quatro, e assim o raio da mônada penetrará cada vez mais profundamente na substância.

Podemos chamar essa projeção da mônada de ego ou alma, ou melhor ainda, de egos ou almas. Esse ego-alma, como dissemos antes, está em um determinado estágio de desenvolvimento. Portanto, quando falamos antes sobre a mônada humana, na verdade estávamos falando sobre o ego que emergiu da mônada. A alma-ego pode cada vez mais colocar em atividade dentro de si as potências, os poderes e as habilidades da mônada. Quando tiver levado o aspecto divino à plena fruição, ela terá ‘retornada’ ao seu Lar espiritual, onde começou sua peregrinação de eras como uma centelha divina não autoconsciente – começou relativamente, pois pontos absolutos de início e fim não existem na Ausência de Limites.

E se formos um com a mônada?

Nosso alcance de consciência deve ser inimaginavelmente grandioso, exaltado e vasto, quando tivermos nos reunido auto-conscientemente com nossa mônada. Teremos, então, consciência cósmica. Estaremos em casa em todas as partes de nosso sistema solar, ou mesmo na galáxia Via Láctea. E depois? A peregrinação termina?

Talvez até hoje seja vertiginoso contemplar o que são mônadas. Mas talvez o maravilhamento se torne ainda maior se acrescentarmos outro elemento à definição de mônada. De fato, em seu *Glossário*, Gottfried de Purucker diz que uma mônada é indivisível *para nós, humanos*. Falando sobre a mônada, ele diz que uma mônada é: ‘Uma entidade espiritual que, para nós humanos, é indivisível; é um átomo de vida divino-espiritual, mas indivisível porque sua característica essencial, *como nós humanos a concebemos*, é a homogeneidade’⁽⁹⁾

Não queríamos esconder esse último elemento de você, nem que fosse para evitar que os pensamentos se cristalizassem e criassem uma espécie de verdade dogmática e supostamente absoluta.

É claro que é um pouco chocante quando você pensa que acabou de entender algo sobre a mônada indivisível, eterna e ilimitada e, então, ouve que isso é, na verdade, apenas uma percepção humana. Novamente, como podemos explicar isso?

Bem, por mais grandiosas e elevadas que sejam as mônadas, elas fazem parte de um universo, e todo universo tem um começo e, portanto, um fim. Por mais difícil que seja, tente imaginar a Via Láctea como uma entidade viva, uma tarefa quase impossível. A Via Láctea contém cerca de 200 a 400 bilhões de estrelas, tem um diâmetro de cerca de

20.000 anos-luz e uma espessura de cerca de 6.000 anos-luz. Sua duração é insondável. No entanto, um dia a Via Láctea e os bilhões de seres estelares que pertencem a ela também deixarão de existir no plano externo. Todas essas mônadas então ‘morrerão’, não no sentido literal, é claro, mas passarão para outro estado. Afinal de contas, nossa Via Láctea não passa de uma ‘molécula cósmica’, um componente ou bloco de construção em imensos aglomerados de galáxias. Portanto, mesmo as mônadas que têm o tempo de vida igual ao da nossa Via Láctea um dia deixarão essa região. Então, elas alcançarão um estágio ainda mais elevado e divino de união perfeita com o Ilimitado, para começar uma peregrinação ainda maior e mais elevada novamente após um período imensuravelmente longo como uma vida individualizada ativa ou centro de consciência.

Para nós, isso está muito além de nosso horizonte de consciência. No entanto, é bom perceber isso, pois assim que pensamos em pontos finais absolutos, nosso pensamento se cristaliza e surgem dogmas. É por isso que os antigos sábios védicos tentavam constantemente expressar em seus termos que sempre há mais. Existe o Ātman, o SELF, mas também existe o Paramātman, o SELF Supremo. Brahman é a divindade mais elevada de nossa hierarquia, mas há também um Parabrahman, que significa além de Brahman. Assim, Gottfried de Purucker usa o termo ‘essência monádica’, que significa ainda *mais essencial* do que a própria mônada. Não há limites na Ilimitabilidade.

Maravilhas e paradoxos

As várias descrições de uma mônada podem talvez gerar confusão. Isso, no entanto, é desnecessário. Em vez disso, maravilhe-se com o mistério da mônada. Isso pode nos inspirar a pensar mais sobre esse mistério e, assim, passo a passo, obter mais insights sobre a maravilhosa grandeza da VIDA. Se você não conseguir conciliar certas ideias, perceba que os paradoxos são contradições aparentes que nos convidam a refletir. Quando conseguimos ir para um reino mais elevado de consciência, vemos que tudo está conectado.

A definição de uma mônada como um ponto matemático no espaço ilimitado, cuja circunferência não está em lugar algum e o centro está em toda parte, não é inconsistente com a definição de que se trata de um ser divino-espiritual. Esse ser aprendeu tudo o que há para aprender em nossa hierarquia e, portanto, passou para uma hierarquia maior. De lá, ele projeta um raio para os reinos inferiores. A projeção também consiste em seres, ou seja, mônadas. Elas

estão em um determinado estágio de desenvolvimento e, portanto, são designadas pelo estágio de desenvolvimento pelo qual estão passando. É por isso que podemos ser chamados de mônadas humanas.

Vivenciamos as mônadas como uma Unidade sempre persistente, sempre constante, sempre impessoal e indivisível. Mas, como um ser, uma mônada evolui em seu próprio plano super-cósmico, mesmo que não possamos imaginar nada nesse processo. Na essência mais profunda, tudo muda, exceto o Princípio Sem Limites.

Qual é o significado?

Por fim, qual é o objetivo de pensar sobre essas questões metafísicas? Como eles podem nos ajudar nos problemas de nossa vida diária?

Achamos que uma resposta satisfatória às perguntas de nossa vida nos dá paz de espírito. O pensamento de que sempre estivemos lá e estamos constantemente crescendo em direção a formas maiores, a uma maior sabedoria e compreensão, é uma força inspiradora em nossa vida. Uma imagem que satisfaça a cabeça e o coração nos permite aplicar as leis universais em nossa própria vida.

Se você tem uma imagem de quão majestosa é a cooperação entre esses bilhões de mônadas – por mais imperfeita que essa imagem possa ser – então ela deve ter um impacto em seu próprio pensamento, especialmente se você perceber que essa cooperação só pode existir por causa da paixão e do amor impessoal que mantém todos os seres vivos unidos. Uma resposta satisfatória estimula o desenvolvimento espiritual e nos inspira a aplicar a verdadeira Fraternidade Universal em nossa vida. Portanto, é útil pensar sobre isso. Ou, nas palavras de Katherine Tingley:

Pensando em direção ao impensável é uma maravilhosa força espiritualizadora; não se pode fazer isso sem estar inclinado a pensar mais ou sentir mais, sem abrir a consciência interior do homem. E quando esta consciência interior é despertada, a alma se encontra mais próxima dessas infinitas leis, mais próxima d'Aquilo, ou daquele Grande Centro, que palavras não podem descrever.⁽¹⁰⁾

Referências

1. Gottfried de Purucker, *The Esoteric Tradition, (A Tradição Esotérica), Volume I*. 2ª edição, Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1940, p. 129. (Download gratuito da edição original em: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
2. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume I*. p. 14-18 (edição original em inglês). As três proposições fundamentais são encontradas na parte interna da capa de *Lúcifer*.
3. Gottfried de Purucker, *Occult Glossary*. 1ª edição, Londres, Riderco, 1933, lema 'monad', p. 27. (Download gratuito da edição original em: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
4. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine Commentaries (Comentários sobre a Doutrina Secreta)*. Transcrito por Michael Gomes. Haia, Fundação I.S.I.S., 2010, p. 566. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/helena-petrovna-blavatsky/the-secret-doctrine-commentaries/>).
5. Iamblichus, *The Theology of Arithmetic*. Primeiro capítulo, 'On the monad', p. 34, 37. Fonte: Arquivo da Internet, https://archive.org/stream/iamblichus-theologyarithmetic/iamblichus-theologyarithmetic_djvu.txt.
6. Consulte a ref. 2, p. 614 (edição original em inglês).
7. G.W. von Leibniz, *A Monadology e outros escritos filosóficos*. (Várias fontes on-line, entre outras no Internet Archive: <https://archive.org/details/cu31924016874038>).
8. Consulte a ref. 2, p. 16 (edição original em inglês).
9. Consulte a ref. 3.
10. Katherine Tingley, em G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. A tradução para o português está disponível para download gratuito em: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy>.

Perguntas e respostas

Os reinos elementais e divinos

Existem três tipos de reinos elementais da natureza. Quais são as diferenças entre eles?

Resposta

Antes de abordar as diferenças entre os seres elementais, parece útil dar uma explicação sobre o que são os elementais. Com isso, queremos dizer os seres que estão nos degraus mais baixos da escada da evolução cósmica. Eles são, por assim dizer, os *iniciantes* no caminho do desenvolvimento da consciência. Portanto, na enumeração usual dos dez reinos da natureza, eles são os três mais baixos, os grupos de seres menos desenvolvidos. Os grupos mais desenvolvidos são, respectivamente: o reino mineral, o reino vegetal, o reino animal, o reino humano e os três reinos dos deuses. Todos os reinos da natureza, a propósito, são necessários como partes essenciais em qualquer comunidade cósmica da vida.

Todo ser, seja ele relativamente avançado ou não, é uma expressão da Vida Uma Sem Limites, é uma ‘gota’ do infinito Oceano da Vida e, portanto, tem capacidades ilimitadas dentro de si. Ele torna essas capacidades gradualmente ativas, durante suas sucessivas encarnações nos reinos exteriores. Esse desdobramento ou desembrulhamento de suas capacidades adormecidas ocorre em etapas, em estágios de evolução, e chamamos esses estágios de evolução de ‘reinos da natureza’. Portanto, devemos ver esses reinos da natureza como as classes sucessivas em uma escola cósmica, pelas quais passamos, uma após a outra.

Não podemos pular uma aula. Nós, humanos, também já fomos, há muito tempo, elementais.

Não há ‘matéria morta’ em nenhum lugar do Cosmos, não há ‘forças inanimadas’, pois o que chamamos de substâncias e forças materiais da natureza são as manifestações de seres elementais. Nós, humanos, estamos constantemente fazendo uso dos elementais. Fazemos isso, por exemplo, enquanto pensamos – todos os pensamentos são elementais – e durante cada ação de nosso corpo. Todas as forças elétricas e magnéticas, forças musculares e todas as forças mecânicas ocorrem *por meio* de elementais, mas sempre guiadas e dirigidas por seres superiores. Nos mitos de todas as nações, os elementais são representados como ‘espíritos da natureza’: pense nas fadas, gnomos, djinns, ninfas da água, trolls e assim por diante. Se não os guiarmos adequadamente, essas forças podem ‘sair do controle’; pense em incêndios devastadores.



Os elementais são seres muito *pouco* conscientes de si mesmos. Eles seguem servilmente os impulsos de seres mais avançados. É por isso que seu comportamento é previsível – pense, por contraste, em um ser humano. Um ser

humano é autoconsciente e faz escolhas usando seu livre arbítrio. Ele pode reagir de forma bastante inesperada em uma determinada situação. Mas uma corrente elétrica ou um feixe de luz se comportam sempre da mesma maneira, em circunstâncias iguais.

Se quisermos imaginar o tipo de consciência de um ser elementar, devemos pensar em seres que ainda não desenvolveram nada – ou quase nada – de sua individualidade adormecida, de seu caráter individual inerente. Eles ainda não têm uma forma característica própria. Portanto, eles podem assumir qualquer forma e mudar essa forma na velocidade da luz.

Os elementais mais baixos funcionam em grupos, de certa forma comparáveis às partículas em um feixe de luz, ou às partículas em uma corrente de ar ou em um fluxo de água.

Eles são chamados de ‘elementais’ porque derivam de um dos elementos: terra, água, ar, fogo ou éter (e há mais dois elementos superiores). Os elementos são os diferentes tipos de substâncias cósmicas. Não tome as palavras ‘terra’, ‘água’ etc. literalmente, como se fossem coisas físicas, mas pense em *características* diferentes. Eles formam o lado da *substância* do Cosmos, mas em planos mais internos, não visíveis aos nossos sentidos físicos. Elas diferem umas das outras no grau em que são etéreas ou materiais.

Agora, voltando à pergunta: quais são as diferenças entre os reinos elementais? Eles diferem no desenvolvimento de suas habilidades latentes. Elas são descritas por Gottfried de Purucker da seguinte forma (*Esoteric Tradition, volume II*, p. 940):

- *Primeiro reino elemental*: etéreo e altamente fluídico em tipo ou caráter, com corpúsculos monádicos relativamente imanifestos e não individualizados, ou melhor, unidades que possuem uma existência orgânica vital comum.
- *Segundo reino elemental*: separação em gotículas, por assim dizer, de entidades quase particularizadas que, no entanto, ainda são mantidas juntas em união por um fluxo ou corrente vital idêntico.
- *Terceiro reino elemental*: seres ainda mais altamente particularizados, embora ainda unidos por uma existência orgânica vital comum e funcionando nela.

Em linhas gerais: os seres que passam pelos três reinos elementais tornam-se progressivamente menos etéreos, expressando-se cada vez mais como partículas separadas e distinguíveis. Esse desenvolvimento continua no reino mineral, que será o próximo passo em sua evolução.

Pergunta

Como podemos reconhecer os seres dos três reinos que são superiores aos humanos?

Resposta

Os seres que já passaram completamente pela escola humana de aprendizado e aos quais podemos nos referir como ‘deuses’ ou ‘Dhyān-Chohans’ ou ‘buddhas cósmicos’, são todos caracterizados por sua natureza e visão totalmente impessoal e universal. Eles percebem, em um grau ainda maior do que os buddhas humanos, que todos os seres do Cosmos formam uma unidade fundamental. Eles enxergam ainda mais profundamente todas as conexões que existem entre os seres do Cosmos – e vivem de acordo com isso. Portanto, todas as suas atividades servem ao

bem-estar e ao crescimento interno *da vida cósmica total*. Eles são os servidores voluntários da Lei, a Lei da Unidade e da Compaixão.

O escopo de sua consciência é maior do que o do mais nobre ser humano: eles são auto-conscientemente ativos nos reinos espirituais mais elevados do Cosmos e, portanto, assumem responsabilidades cósmicas que nós, como humanos, ainda não seríamos capazes de assumir. Como todo ser, os deuses também operam por meio de um corpo, mas seus corpos são compostos de uma substância muito mais etérea do que a nossa. Se fôssemos capazes de perceber os corpos divinos de qualquer forma, experimentaríamos esses corpos como campos de energia, vestes de luz. Podemos reconhecer esses seres? Nós, como seres humanos, podemos interagir com eles e nos comunicar com os ‘deuses’? Sim, em princípio, podemos. Na verdade, até certo ponto, fazemos contato com nossa divindade *interior* sempre que damos ouvidos à nossa consciência ou seguimos nossos impulsos éticos mais nobres. Conseguimos esse contato concentrando nosso pensamento em pensamentos nobres e edificantes.

Esse contato com nosso deus interior pode se tornar cada vez mais forte, a ponto de nossos pensamentos e ações se tornarem permeados por ele: toda a nossa vida é permeada pela consciência de nossa unidade com tudo o que vive. Então, chegará o momento em que poderemos entrar em contato autoconsciente com seres de um reino superior da natureza, comparável, por exemplo, à situação em que conversamos com uma pessoa muito sábia. No entanto, não estaremos ‘conversando’, pois a comunicação ocorre de forma bem diferente. Por que isso é possível? Porque então desenvolvemos os aspectos *divinos* de nosso pensamento em um grau elevado.

Pois nossos aspectos de pensamento universal têm a mesma característica da consciência dos seres divinos. Você pode compará-lo ao fenômeno da ressonância como o conhecemos na música, por exemplo: nosso pensamento pode então ‘vibrar’ com os tons divinos. Embora nosso pensamento *humano* esteja uma ou mais oitavas abaixo da consciência divina, a ressonância ainda é possível.

Por isso, diz-se que durante as iniciações superiores, quando o iniciado ativa suas capacidades semidivinas, ele pode ‘participar das deliberações dos deuses’. Porque o igual pode reconhecer o igual. Ele se torna um com sua divindade interior por um tempo mais curto ou mais longo. É a essa possibilidade que a declaração de Jesus ‘Eu e o Pai somos um’ se refere.

Nós, humanos, podemos reconhecer a distinção entre os três reinos sucessivos dos deuses? Isso será muito difícil, porque, relativamente falando, do nosso ponto de vista humano, todos os deuses são seres perfeitos. A criança pequena também não vê a diferença de conhecimento entre o professor da escola, o professor da universidade e o ganhador do Prêmio Nobel. Não discernimos as diferenças que de fato existem entre os deuses: para nós, é sempre pura luz. Fazer essas distinções só será possível quando estivermos mais adiantados no Caminho.

No entanto, o que *todos os humanos* podem perceber dos deuses é sua influência fundamental nos processos ordenados do Cosmos, que vemos ao nosso redor, na forma das ‘leis da natureza’. Vivemos e evoluímos *dentro de sua esfera de influência*. Elas formam para nós os padrões harmônicos básicos, o curso ordenado dos ciclos cósmicos, que nos dão a oportunidade de crescer em consciência. Eles nos oferecem *a chance* de evoluir. Portanto, essas

chances devem ser aproveitadas por nós mesmos: todo ser tem livre arbítrio, e isso se aplica fortemente aos seres humanos. Cada ser deve percorrer o caminho do desenvolvimento interior, através de todos os reinos da natureza, por si mesmo e por sua própria escolha.

Trabalhe com a Natureza

A Voz do Silêncio, de H.P. Blavatsky, afirma: ‘Ajude a Natureza e trabalhe com ela; e a Natureza o considerará como um de seus criadores e lhe fará reverência.’⁽¹⁾ Há claramente uma cooperação aqui. Mas o que significa ‘A natureza o considerará como um de seus criadores e lhe fará reverência’?

Resposta

Para termos uma visão mais clara, vamos primeiro abordar esta questão: qual é o princípio subjacente, a característica essencial da Natureza, do Cosmos? O Cosmos é uma grande totalidade de seres vivos – cada parte está viva – que surge de uma Unidade, uma Unidade sem limites. Através de todos os seres flui uma e a mesma Vida. E todos esses seres têm um propósito comum: garantir, graças à ajuda mútua, que todos possam dar passos adiante no desenvolvimento, na *realização*, de sua própria divindade interior: elevar todos os seres das ilusões e dos problemas da existência exterior. Toda vez que participamos desse esforço cósmico fundamental, *trabalhamos com a Natureza*.

Assim, há uma unidade, uma conexão, sem fronteiras. Nenhum ser pode viver sem todos os outros. Há uma *harmonia* subjacente. Na liderança do Cosmos estão as grandes inteligências que, por serem relativamente mais avançadas no caminho do desenvolvimento, são expressões comparativamente puras de harmonia e compaixão universal. Quem coopera com elas, buscando o

bem-estar de tudo o que vive, coopera com a Natureza.

A Lei do Karma é uma expressão da harmonia universal mencionada anteriormente. Considere em que se baseia essa lei de causa e efeito. Cada ação nossa, cada pensamento ou ato nosso, exerce uma influência sobre todos os outros seres do Cosmos, ou seja, sobre a totalidade. E essa totalidade responde *perpetuando ou restaurando o equilíbrio*. A causa que criamos evoca uma reação que tem exatamente o mesmo caráter de nosso pensamento ou ato e que é igualmente poderosa e que, depois de um tempo mais curto ou mais longo, ‘retorna’ ao nosso caminho de vida. Então, podemos pensar em todos os tipos possíveis de causas e suas consequências correspondentes: causas nobres, gentis e sábias evocam consequências idênticas. Causas neutras evocam consequências neutras, e causas tolas, egoístas, dogmáticas ou agressivas também, mais cedo ou mais tarde, evocam efeitos semelhantes – na forma de contatos humanos ou outras situações que experimentaremos como desarmonias, dando-nos a oportunidade de aprender com essas situações. É assim que o karma funciona.

As causas que criamos são sempre nossa própria escolha. Basicamente, temos livre arbítrio. Portanto, nossos atos são de nossa responsabilidade. Sempre podemos escolher entre ideias altruístas e tendências egocêntricas. No primeiro caso, cooperamos com a Natureza, pois assim contribuimos com nossa parte para *o crescimento interno harmonioso da humanidade* – e dos outros seres do nosso Planeta. No segundo caso, optamos por ir contra a harmonia da vida, contra nossa própria natureza superior. A desarmonia e o sofrimento que produzimos em nosso ambiente devem ser compensados por nós mesmos. Essa é a Lei da Harmonia, do Karma.

Se você trabalhar em um determinado projeto de forma autoconsciente, ou seja, se não estiver preocupado com a possível fama, a honra, a promoção ou os elogios de seus colegas, então você não será prejudicado por todos os tipos de obstáculos pessoais. O trabalho fica mais fácil e você pode fazer mais pelos outros. Se quiser ser promovido ou reivindicar todos os créditos, você dificultará as coisas para todos, inclusive para si mesmo. ‘Será que o chefe vai gostar disso?’ ‘Será que vou ser promovido?’ Você não conseguirá dormir à noite e isso não melhorará seu trabalho. Além disso, todos esses pensamentos pessoais, por sua vez, desencadearão reações contrárias; você cria concorrência. Você se coloca na direção do vento contrário.

Trabalhamos em conjunto com a Natureza? Então ‘ela nos considerará como um de seus criadores e fará reverência’. Com essa expressão um tanto simbólica, a Sra. Blavatsky quis dizer que, por meio de cada ação altruísta e bem pensada, temos o vento em nossas costas: temos todas as forças do Cosmos conosco. Isso não quer dizer que essas forças resolverão todos os nossos problemas por nós – ainda temos que fazer isso por nós mesmos – mas que evocamos eventos úteis e cooperativos, por exemplo, na forma de um livro inspirador que de repente vemos em algum lugar, ou uma dica ou aviso valioso de um ser humano semelhante, ou uma quantidade de paz interior que nos permite entrar em contato com nosso Eu superior.

Tudo isso é verdade em todas as circunstâncias, mas devemos nos lembrar de que também temos de trabalhar com as consequências kármicas que criamos no passado (positivas, neutras ou negativas). No entanto, a cada passo interior que dermos, seremos capazes de lidar com todas as situações de forma mais sábia e harmoniosa!

Referência

1. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*. Fragmento I, logo após a nota 34.
-

Você pode morrer antes da hora?

Às vezes, diz-se que uma pessoa morre ‘antes da hora’. Mas será que isso existe, supondo o karma? Se alguém morre em um acidente de carro ou por suicídio, isso é ‘antes da hora’?

Resposta

Tudo é karma. Mas karma não é destino. Você acaba em uma determinada situação por causas – pensamentos e ações – que você mesmo criou. Como você age nessa situação é uma questão de livre arbítrio. Às vezes, certas causas podem levar a tais consequências que sua escolha é limitada. Por exemplo, se você nascer com uma doença mortal ou se for roubado e morto por um ladrão.

Bem, com a expressão ‘morrer antes do tempo’, as pessoas provavelmente querem dizer que uma pessoa morre em uma idade jovem. Na opinião de seus amigos e conhecidos, ela morreu ‘cedo demais’. Especialmente quando alguém é jovem e parece ter uma vida promissora, mas morre em decorrência de uma doença ou acidente, isso parece injusto.

Agora, de fato, tudo é karma. Quanto à doença, um jovem pode ter criado algumas causas discordantes em uma vida anterior, de modo que nesta vida ele morre precocemente por causa de uma doença.

Não pense nisso em termos de bem ou mal, pois pode ser que, devido ao esforço excessivo por um ideal, ele tenha ficado muito desequilibrado em sua consciência e, portanto, tenha morrido jovem em sua nova reencarnação. Para sua família e entes queridos, é claro,

isso é uma grande fonte de sofrimento. Eles merecem nosso apoio. Para a pessoa em questão, uma morte tão precoce certamente não é dramática. Em sua curta vida, uma desarmonia kármica foi restaurada e, possivelmente, um importante bloqueio interno foi removido, possibilitando um maior crescimento em sua próxima vida. É provável que ele volte a reencarnar em breve. Ele teve poucas experiências espirituais em sua curta vida. Seu *devachan* – o estado após a morte no qual as experiências espirituais são processadas – será, portanto, muito curto. Mas lembre-se também: há inúmeras variações nas causas de doenças e na duração e no estado do período de descanso após a morte, pois cada pessoa é única.

Outro caso é quando alguém morre em um acidente. Toda pessoa nasce com uma certa quantidade de energia vital. Essa porção de energia vital, é claro, também tem tudo a ver com o tipo de vida que você leva. Você pode utilizar essa energia de forma harmoniosa ou desarmoniosa. No segundo caso, você ficará exausto e morrerá mais cedo do que no primeiro. De qualquer forma, em casos naturais, a consciência duma pessoa só se retirará e o corpo, conseqüentemente, morrerá, quando essa energia vital tiver sido consumida. Então, o que acontece com uma pessoa que morreu em um acidente de carro ou em algum outro acidente, quando sua energia vital ainda não havia sido totalmente utilizada? Nesses casos, também se diz que a pessoa morreu cedo demais. Essa pessoa passará o tempo durante o qual teria vivido na Terra, se não tivesse sofrido nenhum acidente, em uma ‘esfera intermediária’ ou ‘esfera astral’: mais etérea do que o mundo físico, mas menos etérea do que o *devachan* relativamente espiritual, mencionado anteriormente. E ele residiria particularmente naquela parte

da esfera astral, na qual as pessoas falecidas deixam para trás seus princípios inferiores, como as emoções e, principalmente, os desejos. Portanto, também falamos dessa parte especial como o mundo dos desejos: *kāma-loka* em sânscrito. O período em que essa pessoa prematuramente falecida permanece lá é exatamente o mesmo que sua vida na Terra teria durado se ela não tivesse sofrido um acidente. Na maioria dos casos, ela ficará em um estado tranquilo de sonhos vagos até que a energia vital se esgote e o processo de morrer continue.

O caso é diferente quando alguém morre por execução ou suicídio. Essas pessoas também entram nesse estado intermediário. Diferentemente de alguém que morreu por acidente, dependendo de como vivenciaram a situação, elas despertam para um certo grau de autoconsciência nesse estado intermediário. Os últimos pensamentos antes de morrer são um fator importante. Um combatente da resistência ou uma vítima de um regime tirânico que pensa em sua família e amigos com muito amor, pouco antes de sua execução, vivenciará esse ‘mundo de desejos’ de forma muito diferente de alguém que morre cheio de ressentimento e ódio contra o mundo.

Em geral, a morte nunca deve ser temida. É um período do ciclo da vida em que as experiências e lições aprendidas na Terra são incorporadas à sua consciência. Assim, você retorna à sua nova encarnação descansado e um pouco mais sábio, para continuar sua peregrinação rumo à perfeição.

Agenda

Palastres e estudios em inglês sobre os 150 anos da Teosofia

Aos domingos, das 19h30 às 21h00, a partir de 13 de abril de 2025 CEST.

Todas as reuniões começam com uma palestra. Essa parte pode ser acompanhada em tempo real pelo YouTube ou pelo Zoom. A segunda parte é o estudo, no qual trocamos ideias sobre o tópico, para ampliar nossa compreensão da Teosofia. Essa parte só pode ser acompanhada via Zoom. Aconselhamos que você se inscreva para o estudo a tempo, em nosso site blavatskyhouse.org. Assim, poderemos lhe enviar o link com antecedência.

18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia

2025 marca o 150º aniversário da fundação da Sociedade Teosófica. Pelo menos seis gerações trabalharam em todo o mundo desde 1875 para substituir visões e preconceitos antigos e limitados por visões novas, mais amplas e universais. Nossa equipe de palestrantes escolheu uma maneira ativa de lidar com isso. Cinco séries de palestras em 2025 têm o tema '18 Milhões de Anos de Teosofia; 150 Anos de Theosophia'. Elas formam uma palestra contínua, por assim dizer, na qual o estímulo ao crescimento da humanidade é acompanhado passo a passo. Desde a rede mais universal de reformadores do mundo espiritual até as pequenas melhorias e liberdades sociais, que hoje todos consideram garantidas, mas pelas quais um pequeno grupo de pioneiros sempre lutou.

Esperamos mostrar a interconexão orgânica entre todas essas atividades maiores e menores, para que você possa descobrir por si mesmo se, e com o que, você gostaria de contribuir para esse processo de despertar espiritual da humanidade. E uma coisa é certa: todos podem.

As próximas séries de palestras sobre esse tema são:

Série 7: O papel de H.P. Blavatsky na transformação da mentalidade mundial

13-04 O coração espiritual de cada ser

20-04 De: o infinito da Vida – Para: vegetarianismo, cremação, abolição da capital

27-04 Fraternidade Universal

04-05 De: humanidade, uma unidade – Para: Conferências de Paz, Nações Unidas, descolonização

Série 8: O papel de H.P. Blavatsky na transformação da mentalidade mundial

11-05 Liberdade de pensamento e consciência

18-05 De: a igualdade e a função única de todos os seres – Para: proteção animal e abolição da escravidão, do racismo, do sistema de castas e do infantil

25-05 De: consciência como causa do mundo fenomenal – Para: uma nova base para a ciência

01-06 A compaixão como um modo de universal

Série 9: Contribuindo para o futuro de 2000 anos da Teosofia

08-06 Mantendo os IDEAIS DA HUMANIDADE consagrados

15-06 Mantendo o FUTURO DA HUMANIDADE protegido

22-06 A missão de H.P. Blavatsky –

E como NÓS continuamos seu trabalho?

29-06 Sociedade Teosófica Point Loma (TSPL) –
O poder mágico de trabalhar em um grupo

Mais informações: <https://blavatskyhouse.org/lectures/>

Curso de Sabedoria Universal

Em breve, se houver interesse suficiente, o curso Sabedoria Universal será ministrado on-line novamente. O curso se baseia no núcleo de sabedoria que fundamenta todas as grandes religiões e filosofias. Essa sabedoria universal é conhecida por vários nomes, como Filosofia Esotérica, Teo-sofia. O núcleo da sabedoria universal nos ensina que a unidade e a compaixão são os fundamentos da vida. Se algo está claro, é que esses são os elos que faltam e que o mundo atual precisa desesperadamente. Ao aplicar a sabedoria deste curso, você ajudará a preencher essa lacuna. O curso é realizado on-line via Zoom. Para datas exatas, horários e outras informações, e para se inscrever: escreva um e-mail para info@blavatskyhouse.org

Entrevistas

Gostaríamos de chamar a atenção de nossos leitores para duas entrevistas interessantes realizadas recentemente, em que foram abordados tópicos teosóficos inspiradores. Eles podem ser ouvidas no YouTube.

Esta entrevista reflete sobre os **150 anos da Sociedade Teosófica**.

https://www.youtube.com/watch?v=siviF-CfpPQ&t=99s&ab_channel=RealidadeFant%C3%A1stica

Outra entrevista foi intitulada:

Iniciação, evolução acelerada.

https://www.youtube.com/watch?v=3_qAChdD-pY

International Theosophy Conferences (ITC)

Celebração dos 150 anos da Teosofia moderna 1875 – 2025)

Prévia da conferência

De 8 a 12 de agosto, a conferência anual será realizada. O tema deste ano é 'Celebrando os 150 anos da Teosofia moderna', já que em 2025 completam-se 150 anos desde que o movimento teosófico foi iniciado em 1875 em Nova York.

Programa

- **8 de agosto:** Abertura Celebrando o Coração da Teosofia (1875 – 2025)
- **9 de agosto:** Rastreamento a Corrente Mahátmica Antes de H.P. Blavatsky
- **10 de agosto:** H.P. Blavatsky – O Mensageiro e a Mensagem
- **11 de agosto:** O impacto de H.P. Blavatsky na Religião, Filosofia e Ciência
- **12 de agosto:** O Futuro da Teosofia e da Humanidade

A conferência será realizada online com o Zoom. Oferece uma grande variedade de palestras e workshops e será realizada simultaneamente nos idiomas *inglês, português e espanhol*.

Para obter mais informações e se inscrever, visite nosso site: <https://www.theosophyconferences.org/>

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.º número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

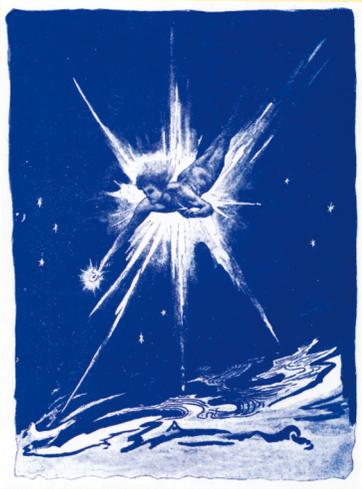
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton .
.. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).